ANNO XXVII — N.º 22
Rio, 3 de Junho de 1933
PREÇO: 1$000

Onde o prazer no arranjo diario do lar, quando isso custa dôres terriveis nos quadris e um invencivel cansaço? Os rins debilitados produzem inchação, desordens urinarias, dôres de cabeça, rheumatismo, nevralgias, symptomas que, não combatidos, se aggravam produzindo calculos renaes, uremia, nephrites, hydropisia, etc. As Pilulas de Foster removem a debilidade renal, restituindo aos enfermos actividade e alegria de viver.

PARA OS RINS
E A BEXIGA

Pilulas de Foster para os Rins — Foster's Backache Kidney Pills

PILULAS DE FOSTER

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

RUA ARISTIDES LOBO 115 — TEL. 2-1266

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

DIARIAS DESDE 15$000

O conto brasileiro

O DESTINO DE JUCA SIMPLICIO

DE ANTONIO MARROCOS DE ARAUJO

GERERAHU'... Sitio verde de paizagens mansas, adormecidas sob o docel azul do céo cearense...

Um pouco ao longe, a serra de Maranguape... Serra de contornos velludosos, toda cheia de enfeites vegetaes, que a mão dadivosa da natureza sempre lhe prega, vestindo-lhe o aspero arcabouço de pedra...

Gererahú... A casa ampla e opulenta, emergindo num alto, engastada, como uma estranha joia, na chlorophylla soberba dos mattagaes circumjacentes...

O terreiro, limpo, alvo, castigado de sol, forrado de areia, em cuja superficie fôfa as gallinhas frivolas, os perús methodicos e pausados e os capotes tagarelas deixam um rastro complicado, abrindo desenhos esquisitos, que lembram figuras geométricas ou mysteriosos hieroglyphos...

Protegendo os roçados, como grandes serpentes verdes estiradas, as cercas se alongam, rectilineas, embrulhadas em melão S. Caetano, tendo, no alto, o pingo de sangue de um ou outro fructo amadurecido para a gula dos passarinhos...

A estrada, lá adeante, corta o pateo, num risco branco caprichoso, e, mais além, entra a floresta espêssa, rasgando-lhe sem piedade o seio umbroso...

Comboios tardos, como caravanas fatigadas, calcam-lhe a areia macia, ao canto magoado de algum tropeiro nostalgico ou aos estalos rispidos do relho ameaçador, que se enrodilha no ár qual serpe furibunda...

Bem ao meio do terreiro, fica um tamarindeiro antigo. O sol lhe morde, com furor, a cabelleira hirsuta, mas o vento lhe faz caricias ternas de amante meigo e apaixonado. Abrigo tranquillo e fresco de bemtevis cantadores, de gallos-de-campina menestreis e de canarios trovadores, — a sua vasta e múrmura umbella esmeraldica é o Olympo dos poetas alados...

Um burrico, peado no pateo, e absorvido numa funda scisma, philosópha por todos os animaes bohemios e vadios do mundo... Aristoteles dos irracionaes, procura na demorada tristeza de investigações intimas, a incognita do problema da vida, o x de uma equação complicadissima...

Por cima da muralha verde da cerca, ondulam, ao embalo do vento, os pendões côr de cinza do canavial opulento, alguns espetando o azul, estirando-se numa ansia doida de sol e de ár...

Aqui e alli, emmoldurando magnificamente esse recanto virgiliano, tranquillos morros se alteiam, como grandes tumores que se tivessem desenvolvido na superficie immensa do immenso orbe terraqueo...

E ao pé desses cerros, toucados de bruma, canta, então uma limpida endeixa, espadanando em pequeninas pedras lavadas, a agua múrmura e transparente de um corrego, que, como uma lamina de prata luzente, vem fendendo o amago da mattaria, até se expandir, desafogado, nos frescos terrenos do sitio vastissimo. Regato lendario que Alencar cantou, na pompa rica do seu estylo, e em cujas aguas rumorosas fez Iracema mergulhar o seu corpo de Venus tropical, — elle guarda, ainda, no espelho trêmulo de suas aguas, a saudade da tabajara feiticeira, e, tambem, no timbre argentino de sua cantiga, o doce cicio de um beijo, que lhe fugiu dos labios como um passaro timido e assustado...

A espectadora (surpreza) — Meu Deus, Frederico, que é isso?
O companheiro. — Pois não vês, querida? E' o casamento do capitão de um team de rugby...

Gererahú... Sitio verde de paizagens mansas... Conheci-o ha annos, em alegres férias de estudante despreoccupado. Era seu dono Ignacio Braga, um bom velho, que já resistira ao frio de setenta invernos, e que parecia, como novo Anteu, haurir forças ao contacto miraculoso daquelle solo privilegiado. Tecto hospitaleiro e amigo, a sua casa se enchia, nas férias escolares, de muitos estudantes ingratos, que lhe iriam pagar, vida em fóra, o fidalgo acolhimento com o esquecimento e o desdem. Em outra moeda não lh'o paguei eu; mas que aqui fique, ao menos, no fraco colorido desta pagina, o rumor leve da aza de uma saudade que me carrega o espirito, fatigado hoje pelas lutas da vida, a paysagens tão suaves e amenas, povoadas por gente tão carinhosa...

E foi alli que eu escutei, todo attenção, todo ouvidos, a historia de um caboclo, nutrido no meio sadio daquella natureza opulenta. A cabana em que elle morava, vira-a eu, encolhida ao pé de timbaúbas altaneiras, numa humilde posição de mendiga agachada que beijasse as plantas de gigantes vegetaes...

Juca Simplicio tinha reunido, num magnifico conjuncto de energias moças, todas as forças masculas de um athleta, e era talvez possivel que, como o filho lendario de

(Conclue no fim)

O DESTINO DE JUCA SIMPLICIO

(Continuação)

Crotona, abatesse um boi com um murro e o carregasse sobre os hombros largos e possantes... Com essa estructura privilegiada, tecida de músculos rijos, — Hercules sertanejo a exhibir magnificamente o torso pujante plantado sobre as ancas delgadas, — e com uma expressão forte na physionomia serena, que um leve bigode ensombrava, sob o traço seguro do nariz bem feito e os dois sóes fúlgidos dos grandes olhos scintillantes, — elle impressionava fundamente as mulheres, provocando estranhas convulsões no mundo da sua sensibilidade.

A principio, sentiu-se attrahida pela sua bella figura de gigante calmo uma caboclinha cheia de sonhos, que começára a sentir a necessidade de enlear-se, de embaraçar-se nas tramas do Amôr, como a mosca imprevidente que ronda a teia de aranha ou a mariposa, afoita que esvoaça em torno da chamma ardente... E depois... Depois foi aquella historia triste, que tem dentro de si, vagando como sombras errantes e desventuradas, o vulto de um sertanejo que resumbra saúde e vitalidade e a figura pállida e chlorotica de uma moça da praça, que foi embalada no berço pela civilização e cresceu cercada de luxo e de conforto. Do destino delle para o della havia essa grande differença que, no mundo botânico, vae do trônco desamparado, e só, e chicoteado de vento, e escaldado de sol, que medrou crivando os dedos crispados das raizes no seio da terra em busca de seiva, — á roseira que nasceu para a vida numa estufa, ao abrigo do frio, do vento, favorecida por um ambiente de ternura, — planta toda delicadezas, destinada a cobrir-se mais tarde com o velludo leve e colorido das pétalas...

Conceição Campos pertencia a uma familia de Maranguape, e recebêra, em Fortaleza, uma educação esmerada. Seu pãe era senhor de terras vastas, de grandes engenhos, reunindo essa actividade de administrador de seus bens a uma fatigante preoccupação politica, toda cheia de conchavos e de mexericos de campanário. Guardava, ainda nos seus sitios, como uma matilha vigilante, um grupo sombrio de cangaceiros, que lhe completavam as caracteristicas inconfundiveis de chefe politico daquelles tempos...

Elle ia notando, numa tortura lenta que lhe confrangia o coração, o definhamento progressivo e alarmante da filha estremecida. Já havia recorrido, numa ronda permanente ás pharmacias, a todos os tonicos, a todos os fortificantes. Até que um dia lhe feriu a mente uma idéa salvadora: mandaria a filha para Sipahuba, sitio proximo a Gererahú, gozando do mesmo clima, cercado da mesma vegetação luxuriante, varrido, dos mesmos ventos sadios, coberto pelo mesmo trecho de céo fulgurante e limpido, — dominio de um sol bonito e claro. Conceição recebeu a nova com alguma tristeza, mal disfarçada. Deixar a cidade com a retreta aos domingos, num passeio Cotirado, abandonar as amiguinhas, as conversinhas de namoro, desprezar em meio fuxicos já bem encaminhados para escandalos sociaes, — nada disso a animava a procurar a roça, si bem que Sipahuba ficasse perto. Mas foi. Montou um cavallo manso, estradeiro, que sahiu pelo caminho conhecido e familiar num passo macio, como uma rêde. Acompanhou-a um irmão num corcel fogoso, e inquieto, que acompanhava o outro num galope forçado, meúdo, com a cabeça para baixo, todo enfreado, resfolegando, oppresso.

Conceição ficou na casa do administrador do sitio, chefe de uma familia distincta. Seus paes estavam tranquillos, vendo a filha cercada de pessôas amigas, num bonito recanto, semeado de banheiros esplendidos, de tantas fructeiras, de tantos encantos. E Conceição, com alguns dias de peraltices pelos corregos, pelos cannaviaes vicejantes e pelos altos ingremes, perdeu aquella sua antiga côr de marfim, e ostentou, nas faces, um rosado fresco de fructa madura, onde a gente descobria a saúde porejando. Começou a querer bem áquellas paragens, ás arvores que estendiam sombras amaveis, á agua que rolava num fio crystallino, por entre ribas forradas de capins abundantes, ás aves que orchestravam, em delicados gorgeios, ou em vibrantes trinados, a penumbra da floresta. Como gostava da luz, do sol, de um trecho de céo estrellado, de um pallido luar feito de romantismo!...

E sentiu uma vontade grande de amar um homem, que reflectisse no seu corpo robusto a plethora de vida que transbordava daquella natureza arrogante. Pondo a imaginação a viajar, como um potro liberto numa campina sem limites, ia procurar na cidade um rapaz de *élite*, afogado numa moderna indumentaria, polido e educado. Mas não havia geito de este moço lhe apparecer forte, resumando o vigor opulento daquella terra indomesticada.

Foi então que o Juca Simplicio começou a impressionar, com mais intensidade, o seu espirito.

Vira-o já algumas vezes, tivéra até o impeto de amál-o. Mas essa idéa fôra logo afastada, como aberrante, intrusa, sacrilega. Pois ella, moça de sociedade com um sangue limpo nas veias, ia lá querer um caboclo! Outras vezes se enterrava de cogitações mais fundas, mais humanas, e chegava a pensar em desprezar o preconceito, em investir com desassombro contra essa negra muralha que a vaidade construiu para separar raças, familias, e corações. Até que um dia, num arroubo, quebrou as

O DESTINO DE JUCA SIMPLICIO

(Continuação)

peias da conveniencia, e deixou seu coração galopar, solto, insubmisso, liberto, no mundo largo dos sentimentos. Amou Juca Simplicio, o homem em quem ella enxergava o reflexo pujante da força daquella grande natureza.

O caboclo ia todo o dia á casa senhorial de Sipahuba, após o trabalho bruto do plantio de canna, receber o seu salario minguado. Notou a insistencia com que era observado por Conceição, que ás vezes lhe dirigia até palavras timidas. Jamais, porém, lhe passára pela mente a idéa de que aquellas palavras trouxessem resaibos de um amôr ainda latente e dissimulado, ainda agrilhoado por conveniencias. Qual! Uma moça branca não podia querer bem a um caboclo rude como as asperezas da terra em que nascêra, e que lhe vinha servindo de palco modesto para o drama vulgar da existencia obscura!

Mas, um dia, elle conheceu que ella o amava. E sentiu que dentro do seu coração bulia, tambem, qualquer coisa estranha, desconhecida, intraduzivel. E bastou isso para que o Amôr se encarregasse do resto, na coragem de suas attitudes imprevistas e no desassombro dos seus planos insondaveis. As sombras dos cajueiros floridos passaram a ser, então, abrigos alcoviteiros, preparados pela mão intelligente da natureza, que, assim, unia o par feliz. Quantas vezes estiveram alli, sob o fresco docel vegetal, em caricias doces, em devaneios ousados, mergulhados no silencio bom das coisas mudas! Idyllio tocante e terno, que só Theocrito descreveria, com a penna embebida em sentimento e trescalando a suaves perfumes da matta olorosa! Um dia, espreitavam-nos, e tudo foi descoberto, e profanado pela malicia humana. O condor forte, e altivo, não mais poderia afagar a pomba timida, e arrulhante. O raio partira do céo e fendêra a arvore da felicidade, em que elles tinham construido o seu ninho.

E, no outro dia, Conceição já demandava Maranguape, sob a vigilancia do irmão, levando na alma a sombra de uma saudade, e nas mãos, e no rosto, a saudade de caricias tão bôas, que tinham sido até aquella data o maior encanto da sua vida. Os bemtevis assustados e as rôlas alarmadas, que, despertados pelo tropel sêcco das alimarias, cortavam o caminho, em vôos rapidos, pareciam á sua imaginação os ultimos emissarios das aves familiares de Sipahuba, e em cada aza palpitante e colorida descobria um leve adeus, um aceno fugitivo de despedida. Que tristeza para ella quando as aguas cantavam, á margem da estrada, pela garganta de pedra dos regatos! O murmurio fresco soava-lhe ao ouvido como o derradeiro rumor do sitio suave, como o echo doce de um beijo claro e sonóro que os riachos escachoantes lhe mandavam na ponta dos leves dedos do vento...

E a figura bôa e mansa de Juca Simplicio lhe avultava na mente, tomando avantajadas proporções. Elle enchia todas aquellas paizagens, vistas agora com os olhos da imaginação. Povoava todas as reminiscencias doces, ou amargas. E ella, ás vezes, na marcha sacudida da alimaria, contrahia-se toda, acuilada por uma idéa: — onde estaria Juca Simplicio áquella hora? Em que tóca se teria mettido, em que esconderijo estaria acoitado, para fugir ao odio tigrino do seu pae? Num relance, a ponta de um remorso roçou-lhe a consciencia delicada. Para que fôra ella, corça timida da cidade, acariciar o cervo vigoroso e altivo das florestas invioladas? Naquelle momento, onde estaria elle? — o pensamento voltava, renitente, numa obstinação sem remedio.

De facto, Juca Simplicio desapparecêra, mergulhára na matta soturna e mysteriosa, presentindo intelligentemente as consequencias inevitaveis do caso. Conhecia bem a posição de destaque do pae de Conceição, os seus instinctos máos, que, si eram capazes de tanta cousa ruim na actividade politica, não poderiam deixar de explodir tocados pela faisca do que elle consideraria a mais ultrajante das affrontas.

Logo após a deflagração do incidente, os sertanejos alugados ao tyrannico proprietario para puxar o gatilho dos rifles criminosos montaram cavallos desassocegados de formidavel pujança, os quaes alarmaram a mansidão das cousas, naquellas ridentes paragens, com o soturno estrepito de suas patas resistentes, martelando no barro duro das veredas impraticaveis. Recortados na paizagem verde, em nitido relevo, lembravam, na vertigem da carreira, um trôço perdido de hunos, numa impressionante revivescencia historica da invasão barbara na Europa. Tres, ou quatro dias, a horda galopou infrene, cravando nas cavalgaduras árdegas os acicates cortantes.

Depois, tudo serenou. A matilha humana voltou, e os cavallos desarreados, sacudindo as crinas bastas, resfolegaram, alegres, na esperança de correrias menos precipitadas.

(Cont. na pag. seguinte)

Todos aquelles homens calaram o objectivo da jornada. Cada um delles era uma esphinge. Uma impenetrabilidade de mysterio enrolou a aventura, na qual, de certo, haveria uma nodoa de sangue, como aquella que povoou os sonhos tormentosos de *lady* Macbeth. O certo é que as fauces verdes da floresta enguliram Juca Simplicio, e nunca mais o vomitaram. As mattas, que lhe eram tão familiares, não quizeram, ou não puderam, guardál-o na furna de uma serra, ou no bojo de um animal, para, repetindo o milagre biblico da baleia que salvou J o n a s, atirál-o mais tarde ao palco da vida terrena.

Conceição d e f i nhava agora em Maranguape, como uma planta a que faltasse agua e sol. O róseo fresco, adquirido ao ár puro do campo, já se havia despedido de suas faces, que tinham agora a côr do marmore

O DESTINO DE JUCA SIMPLICIO

(Conclusão)

de Paros. Enclausurou-se em casa, não sahiu mais. O quintal cheio de roseiras, onde ella mais demorava, sentindo voluptuosamente palpitar-lhe em torno a caricia do perfume, foi aos poucos se tornando para ella naquelle melancolico jardim das Oliveiras, pousado sob o céo de Gethsemani, onde a dôr humana attingiu o seu pinaculo... E vivia succumbindo entre um remorso e uma saudade: saudade dos dias do campo, da fartura bôa, das horas felizes nas sombras amigas, das conversas de amôr cicladas no seio agreste e discreto da natureza muda; e remorso de ter levado a um Calvario desconhecido o athleta sereno, que asylava dentro de si uma alma timida de rôla, tão mansa, tão meiga, tão illuminada de amôr e de sentimentalismo. Quem o visse, num relance, — a estructura sólida, o grosso pescoço fincado no peito largo, os braços roliços e rijos, pendentes num gesto despreoccupado de abandono, — tomál-o-ia como um gigante indomesticavel, capaz das proezas criminosas do fabuloso bandido do monte Aventino. Entretanto, que coração generoso não abrigava, aberto, como uma casa franca e hospitaleira, a tudo que falasse de ternura, de bondade, de afago e de caricia!...

E ella o carregára para o abysmo, puxando-o com os tentaculos do seu amôr... Podia lá ter mais felicidade na vida!... Encarnára, naquelle episodio, a figura de Eva, convidando Adão para o peccado, afim de fazêl-o perder o paraiso em que vivia, coberto de céos azues, forrado de relvas macias, semeado de arvores que rebentavam em fructos loiros e saborosos... Como fugir a tão grande remorso? Procurando consolo no esquecimento? Mas como, si já não existia aquelle lendário rio Lethes, em cujas aguas milagrosas as sombras se saciavam, para esquecerem as suas faltas e os seus crimes?

Não mais podia escapar a essas torturas, que a cingiam num abraço felino de serpente malvada.

Prêsa no emmaranhado de cogitações desconnexas, muitas vezes quedava, para depois cahir num estado de completa insensibilidade, de alarmante apathia.

E, assim, torturada, mordida pelos dentes do remorso, mergulhada na sombra da tristeza, abraçada á imagem álgida da saudade, lá se fôra Conceição fazendo a peregrinação da vida, como uma trôpega e desventurada mendiga, que viajasse sem a provisão da esperança e sem o balsamo do consolo...

BONEQUINHA

(Para Berilo Neves, o grande admirador das filhas de Eva...)

BOUDOIR elegante de Maria Helena, fina flôr da alta sociedade carioca. Todo elle está forrado de séda azul, com pequeninos filêtes côr de ouro, que resalta do "panneaux" finissimo, onde se notam admiraveis faunas e nymphas em bailados mais ou menos pagãos...

Ella alli está naquella hora admiravel da tarde.

Reparem bem: é uma bonequinha, não pensa nem soffre.

Naquelle ambiente môrno, ha todas as subtilezas da arte e da graça. Pequeninas Tanagras, esmaltes de Limóges, vasos de Sévres e ourivesarias das mais bizarras, ou, si quizerem, das mais modernas...

Maria Helena junto do espelho, seu melhor confidente e amigo, méche e remeche num verdadeiro arsenal de pequeninos objectos de prata. Lembra-nos, tantas vezes, os grandes cirurgiões.

Alli vejo, nitidamente, *batons* varios, lapis, aguas de colonia de innumeros rotulos, perfumes subtis, que embalsamam o ambiente, e ha em tudo um mundo de cousas artificiaes, perigosas...

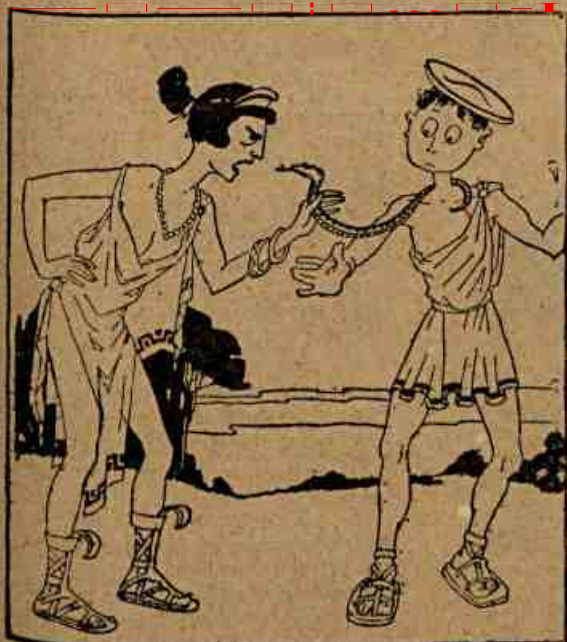
O seu rosto ainda é bello. Mas, nelle, tudo está admiravelmente trabalhado, as sobrancelhas, as pestanas endurecidas, a bôcca vermelha, os signaezinhos no queixo, no lindo hombro nú, que nos faz lembrar os decantados hombros da Marqueza de Santos, que, segundo Paulo Setubal, eram os mais terriveis hombros do Imperio...

E ella, com a maestria dos entendidos, retoca, burila, rasga aqui e esfuma acolá, bistra mais esta palpebra, arredonda mais a pintura dos labios, com um cuidado de artista, de perito mesmo na arte de illudir o proximo...

A admiravel "maquillage" de Maria Helena vae, afinal, terminar. Mais um toque. Prompto!

Muito cuidado meus amigos! Maria Helena vae sahir e o primeiro homem vae ser "embrulhado"...

(Do livro: *Coisas que o vento léva...*)

PLINIO MENDES

A PROVA — *A dama atheniense* (a seu esposo, cheia de ciumes). — Ah! Perjuro, libertino! Então, estiveste de novo com aquella cynica Medusa?!

A FLÔR DO CAMBARÁ

JOÃO CHICO' pegou do tição que ardia nas trempes tisnadas, onde, fazendo remansos leves, fervia a chaleira do café, e levou-o ao cachimbo de barro vermelho, cheio de mapinguim, que sustinha na bôcca.

Um galo clarinou á distancia.

Por detráz das árvores espêssas, de um verde escuro, a lua andava vadiando ainda, já cançada de tanta orgia de luz.

Sobre o giráu de varas de marmeleiro, a sua viola descançava, enfastiada da noite, juntamente com o chapéu de palha, de longas abas oscillantes, a faca e o cacête de cocão.

Mordia-o áquella hora, quatro da manhã, uma indecisão que o tornava móle, em especie de abandono. E, lá por dentro, remexendo com o coração, provocando pruridos estranhos, andava uma coisa esquisita, mixto de amôr e odio, que o embecilizára, dominando-o.

Sinhá Bemvinda concertou a garganta, lá do quarto pequenino, e pigarreou uma tossezinha sêcca:

— João, meu filho, você perde a feira. Os galos estão amiudando o canto. E' quasi de manhãzinha. Daqui a Sobral é um pedaço bom. Você não vae hoje á feira, não?

João Chicó não respondeu. Tambem, nada escutára. Nos seus ouvidos havia um zum-zum infernal, como si um bando esvoaçante de vespas lá estivesse alojado.

Chupou o cachimbo com mais força, sahiu ao terreiro, com a mão na cabeça, tentando arrancar os cabêllos todos.

Os galos amiudavam o canto.

Ao longe, a barra vinha quebrando, suavemente, em tonalidades vagas de côr.

* * *

João Chicó agora pensava: aquella vida era mais do que estupida. Nascêra e se criára na serra da Meruoca. Apenas, ás quartas e sabbados, sahia da furna, como dizia, para a feira de Sobral e, raramente, para Massapê. Uma pingazinha no vendeiro da Matta Fresca para espantar o frio, outra, na quitanda do Junco para matar o calôr. Aos sabbados o samba na Palestina ou na Floresta. Mas tudo sem côr, inexpressivo, mesmo. E si não fosse a viola, então como espaireceria as mágoas? Aquillo não era vida. Sem amôr. Um vazio immenso. Sem amôr, não. Tinha amôr, mas um amôr prohibido, condemnado, de beijos que morrem na bôcca sem nunca serem dados. Que se acabam como uma véla, diluida todinha, em pranto...

João Chicó scismava...

Mas, por que deixára a Joanninha da comadre Chicuta casar com o primo Anselmo, si ella, nas vesperas do enlace, lhe falára assim, desembaraçadamente, debaixo da mangueira do oitão, áquella tarde, emquanto os bambuaes gemiam lá nas alturas?

— Você, João, não quiz casar commigo, mas eu hei de lhe querer sempre muito bem. Quando lhe vejo, sinto um baticum aqui, no coração... Veja o coitado como está...

João Chicó pousára a mão no peito de Joanninha. De facto, lá dentro, o coração bulia, apressado, como o de uma rolinha que a gente tem presa ás mãos. Queria saltar, o pobrezinho.

Mas, si assim não o fizéra, de quem era a culpa? Sua? Não!

Sinhá Bemvinda sempre lhe dizia, quando falava em Joanninha:

— Influencia de menino, meu meu filho. Isto passa. Pensa você que das primeiras flôres do cajueiro vingam os maturis? Não! As primeiras cahem. Assim é a influencia de menino. Ha de passar...

E João Chicó acreditára ingenuamente nas palavras da velha.

Entretanto, passados trez annos sem avistar Joanninha, quando a

De Cordeiro de Andrade

viu, sentiu o coração ardendo, numa fogueira grande, como as de S. João, na roça, quando o estalido do páu branco, verde, pipocar dos foguêtes...

João Chicó scismava...

* * *

Na festa da Floresta, naquêlle sábbado, quando João Chicó dedilhava a viola, e o som da harmonica e do pifaro punha arrepios intermittentes na pélle cheirosa das caboclas, macia como tâmara, os seus olhos, sem querer, encontraram-se com os de Joanninha, e conversaram muito, ternamente, numa linguagem bonita, onde havia a sonoridade de todas as cascatas da serra e o deslumbramento magico de todas as alvoradas.

E êlle notára que Joanninha estava mais seductora, mais mulher. Trêz annos sem a vêr. Desde que se casára com o primo Anselmo.

Estava mais bonita. Mais mulher...

* * *

Quando o "tempo se fechou", e o estálido sêcco do cocão contra cocão annunciou, o imperio da força, João Chicó, levando na bôcca, o gosto dos labios frescos de Joanninha, ouvira do primo Anselmo, encolerizado, arfando como uma féra, a jura solenne do caboclo offendido: "Aquelle cabra vae morrer! ..."

João Chicó, ao chegar em casa, irado, sem dominio sobre si mesmo, numa especie de torpôr, via desfilar, ante os seus olhos de somnambulo, uma procissão de figuras macabras, de gnomos ameaçadores, e a voz do primo Anselmo, ecoando, forte, nas quebradas da serra, numa ameaça constante: "Aquelle cabra vae morrer!..."

Sentiu remorso porque se considerou culpado. Mas raciocinou depois: tinha lá tanta culpa, si o coração estava doido, desenfreiado? Perdêra a noção de tudo. Quando deu fé, estava beijando a Joanninha, na bôcca. E o coração cantou, e as "linguas de cobra" reluziram, á lua... Uma desgraça. Mas estava feita. O que se faz não se desmancha. O que tem de vir vem mesmo... E' a logica do caboclo...

E as horas da noite escoaram-se, vagarosas, como si o grande ponteiro do tempo estivesse enferrujado, parando aqui, parando acolá, para prolongar a sua angustia...

* * *

Joanninha, abraçada a sinhá Bemvinda, com as lagrimas perolando-lhe o rosto, em abundancia, chorava mais a morte de João Chicó que de primo Anselmo.

E' aquella corôa grande, de cambarás, colhidos nos alcantis da serra, de cambarás que não murcham nunca, como ultima homenagem a João Chicó, symbolizava, muito bem, a sua affeição eterna...

* * *

Antonio Felicio, de quando em quando, abandonava as vedeas do cortanho estradeiro, e fazia um gesto com a mão, com a cabeça, dando, assim, mais côr á narrativa.

Ao avistarmos a Floresta, do cume da ladeira ingreme, onde as immensas rochas se erguem como bustos de monstros mal talhados, Antonio Felicio, estirando o indicador, arrematou, num ultimo assomo dramatico:

— Foi aqui, patrão, que elles se acabaram, como duas féras, rolando, em seguida, para o abysmo, de encontro aos seixos...

E tirou o chapéu, respeitosamente, ao passarmos em frente a duas cruzinhas toscas, uma das quaes enfeitada ainda com flôres de cambará!...

A ARAPONGA (A Manoel Victor)

LA' no fundo daquelle grotão, anda um ferreiro laborioso, arrancando gritos de ferro duma bigorna de aço...

Tine e retine, malhando duro, o bom do operario. A tarde de fogo é sua forja...

O sol que abraza a terra, com labaredas cearenses, parece atear incendio na matta espessa. E o malho gritante do ferreiro, que cáe pesado na viga bruta, annuncia o labôr incessante daquelle honesto serralheiro...

E's um optimo, um excellente trabalhador... Só tens um defeito, ferreiro da matta: tu malhas em ferro frio dentro da tarde quente...

Um rio rola sinuoso e lento lá no fundo da serra: dá-me a impressão dum regato de cobre derretido...

Uma nascente ferve borbulhante e violenta na fornalha da tarde de fogo...

DAVID JORGE

ALEGRIAS MACABRAS — A imprensa italiana divulgou, não faz muito, com abundancia de detalhes, as alegres exequias de um certo caçador de serpentes dos arredores de Turim, o qual, em testamento, declarara desejar que o seu enterro fosse feito festivamente e que esse dia fosse para todas as pessoas da sua aldeia uma jornada de canções e de vinho.

O escriptor francez Montaigne que em seus "Mortos Alegres" creou curiosas personagens, não deixaria de muito se interessar pelo caso de que nos occupamos.

Porque essas especies de fanfarras macabras não são unicamente do nosso tempo maluco. Talvez, mesmo, fossem mais frequentes na época em que viveu o alludido escriptor, época em que, portanto, o temor e o respeito do mais alem, da morte, tinha maior influencia sobre a alma popular.

Querer exequias alegres, vá. Mas, aproveitar a occasião para organizar uma mystificação

posthuma, eis aqui o que se chama levar a originalidade mais longe do que convem. E', no emtanto, o que fez certo magistrado cuja historia nos conta Tallemant de las Reaux. Aquelle amavel farçante tinha manifestado o desejo de que os representantes de quatro ordens religiosas assistissem ao seu enterro, levando cada um delles um cirio que o defunto em vida reservava para esse fim. Tudo se fez segundo os seus desejos. E, até a igreja, foi tudo muito bem. Mas, eis que, em meia da missa explodem os quatro cirios, ao mesmo tempo, espalhando uma chuva de faiscas sobre os assistentes apavorados.

Os taes cirios continham varias peças de fogos de artificio muito bem dispostos. Imagine-se a "alegre brincadeira" desta scena "in extremis..."

Brantôme tambem cita varias mulheres que, em seus ultimos momentos, se deixaram levar por idéas extravagantes.

As fantasias e originalidades testamentarias sempre se registraram em todos os tempos. E' que, em summa, o testamento é como o espelho da alma do testador. As pessoas que viveram alegremente expressam, ás vezes, suas ultimas alegrias... Os arbitrarios dissimulam suas maldades... O ultimo acto da nossa existencia — dizia um philosopho — raramente desmente o caracter geral de nossa conducta durante a vida.

DESTINO

De F. Magalhães Martins

ALBERTO JACQUES pensava... pensava... Na infancia, elle não soubéra o motivo por que era tão desprezado. Apenas notava que os outros meninos tinham paes, ganhavam tostões e guloseimas, e não tinham o direito de brincar com elle. O Juquinha, cujo pae morava na casa maior e mais bonita do bairro, possuia muitos brinquedos — velocipede, carrinhos, gaitas, bolas de borracha e até um batalhão de soldados de chumbo... E elle nada disso tivéra. Somente a sua pretensa boiada, de ossos de panelada, dentro do curral de pontas de taboas... Somente o cordão de caixas de-phosphoro, engatadas, fazendo de conta que era o trem... Pê... pê-pê-pê... pê-pê!...

Um dia — lembra-se bem ainda — foi expulso, grosseiramente, da casa do Juquinha pela mãe deste; e as criadas sempre lhe batiam a porta quando elle lá ia, fugido, attrahido pelos folguedos do vizinho afortunado. E, chegando em casa, choramingando enredos, sua mãe, que vivia a costurar e a engommar roupa dos outros, o consolava dizendo "que era porque elle não tinha pae..."

Crescêra. Entrára para a escola. Sómente então viéra a saber que o que o afastava dos meninos ricos era simplesmente aquillo: — não tinha pae... Por isso, agora, quando um collega brigava com elle e o açoitava, e chegando em casa, chorando, sua mãe lhe repetia o mesmo, elle calava o chôro e ficava pensando... Ah! comprehendia... sabia já de tudo... Era o fructo espurio de um amôr infeliz e peccaminoso, e nascêra pobre, numa creche miseravel, para a sardonica ironia do Destino!...

Ficára grande, rapazinho, com o buço a apontar, azulado, no rosto livido e sombrio. Acostumára-se a

viver só, isolado no seu mundo interior. Si amigos não tinha, era mais porque não houvéra aprendido meios de adquiril-os. E, enclausurado em enervante misanthropia, dentro do microcosmo estreito mas cheio de esplendor do seu amôr-proprio, aprendêra apenas a odiar o mundo vil, com seu cortejo nefando de miserias e iniquidade — o egoismo, a hypocrisia, a riqueza e o orgulho alheios e, finalmente, os preconceitos ridiculos da sociedade. Acerbamente a ironizava, e chamava-lhe, entre dentes, de si para si, "a vestal de fancaria, a megera torpe, a cortezã de alma denegrida e corpo mercenario, a que dão luxo e fausto, *manteaux* de velludo, vestidos de sêda e sapatos de ouro como os de Cinderella..." Votava, pois, ao mundo o seu anathema tácito de maldição, o desdém soberbo de seu indifferentismo...

Na terra sómente um bem encontrára, um unico thesouro possuia: — era sua mãe, que o encorajava a arrostar os revezes da batalha cruenta e aspérrima da vida. Criava-o e educava-o como melhor podia e na escola domestica dos fortes... Quando, na rua, elle soffria uma bofetada ou uma cuspinhada do mundo ignobil, quando era espesinhado pela irrisão publica e não podia occultar a dôr advinda da existencia amargurada que levava, tinha, comquanto, o lenço materno onde enxugar as suas lagrimas de fogo, ignotas, sentidas de homem scéptico, frio, e de alma torturada. Ao penetrar o limiar da casa, sentia um como bálsamo reconfortante a adocicar-lhe o calix de amargura; sabia que achava sempre alli um peito acolhedor e carinhoso em que pudesse repousar a cabeça fatigada...

Jamais sentira o afago caricioso de outra mão; jamais se refestelára em divans macios, entretecidos de paina e arminho, jamais lhe povoaram a mente os sonhos que enfeixam essa parcela de bens terrenos a que chamamos Felicidade: — a luz radiosa da Gloria, a mentira encantadora e bôa do Amôr! Nunca o banhára o chuveiro de ouro, luminoso e camouflado, da Illusão; nunca o roçára o blandicioso adejo do véo diaphano e eternamente intangivel da Esperança!... Mas supportava calado, estoicamente, a grita tremenda de todos os opprobios e a vaia ensurdecedora de todas as humilhações... Elle era assim: — era um bom e era um mau... Para ganhar o sustento material, trabalhava quotidianamente numa barbearia e como typographo de um jornal obscuro. Para refrigerar a alma, a um tempo bôa e rebellada, lia Coelho Netto — o divino poeta do amôr materno, — e integrava-se na philosophia pessimista de Schopenhauer...

Até ahi sua vida vinha assim: — monótona e banal...

Mas... certa vez se lhe deparára uma mulher na monotonia tediosa e poeirenta do seu caminho. Seria a visão feminil redemptora que nelle a mão do destino puzéra, qual o milagre biblico da estrada de Damasco? Ou seria, ella, a sua mulher fatal?!...

Amaram-se á primeira vista, mesmo antes de se conhecerem. Entre as almas compativeis, dá-se sempre esse phenomeno psychologico de precocidade e antecipação do amôr!... Elle não sabia explicar como essa mulher, tão differente das outras, desde o primeiro instante o impressionou tanto, deixando-o vivamente apaixonado; e nella tambem despertou u'a attenção sentimental, algo piedosa e romantica, pelo rapaz timido e tristonho, em cujos olhos pisados de uma tortura rôxa e faces macilentas de anachoreta pairava a melancolia resignada e morbida dos Pierrots...

(*Continúa no proximo numero*)

JESABEL (E. do Rio) — Uma carta azul, em papel de bloco, papel commum, adquirido, certamente, ahi no armarinho do turco. Mau gosto, senhorita (senhorita ou senhora? Quantos já? 35? 36? 40? ou apenas a idade classica de todas as saias: 17?) Deixemos a questão do mau gosto do papel e da idade de D. Jesabel...

Attenção! Lá vae a intelligencia da moça na sua missiva de papel de bloco:

"Friburgo — 10 de Maio de 1938
Meu cáro e espirituoso Yves. Começo esta cartinha como se começam todas as outras.

Não desejo um estudo grafologico, nem quero tratar de negocios com você. Escrevo-lhe apenas para ter o prazer de receber pela encantadora revista de que sou assinante uma dessas respostas francas e engraçadas que dá a esse pessoal — que, como eu, vivem a distrair-se lhe caceteando.

Cáro Yves, você não conhece Friburgo? Eu sou desta linda cidade serrana, e fiquei um tanto despeitada quando vi pelo "Fon-Fon", os elogios que dirigia as mineiras, paulistas, pernambucanas, etc e se esquecia das moças gentis cá da "Princeza dos Orgãos".

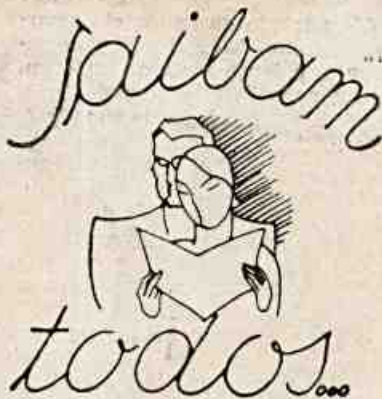
Aqui dá uns cravos tão lindos que concebi a idéa de mandar-lhe alguns.

Cáro Yves, li o "Suave Enlevo". A minha natureza não me faz agradar de obras como esta. Comtudo não deixo de reconhecer a sua capacidade e creio que o "Suave Enlevo, bem merece a admiração de que é alvo. Mais como estou lhe caceteando demasiado, peço-lhe que responda (uma resposta bem longa sim?) para a amiguinha e admiradora—*Jesabel.*"

Uma resposta longa e engraçada? Longa, pode ser; engraçada não é possivel.

Serve *desgraçada?* Isto é, desengraçada? Si serve, ella aqui vae, com todos os pontos nos ii...

Ao ler a sua epistola imaginei a sua autora uma joven (de 35 e algo...) com 108 kilos de gordura atarracadinha, a face lustrosa, o nariz de castanha de cajú, cabello oxygenado, oculos de aro de tartaruga, os bracinhos roliços, gorduchos, de dedos curtos abertos como as azas de

Saibam todos...

uma tesoura, um buço forte, sapatos de salto baixo, andando como certos patinhos quando em sêcco e, de quando em quando, esgravatando o nariz e ouvidos.

Uff! Não gostou? Eu sabia disso, D. Jesabel. Eis porque não lhe poderia dar uma resposta engraçada. Ella tinha que ser, como é "desgraçada" ou "desengraçada"... sem trocadilhos...

E agora, não se mostre de cenho carregado, soprando, com as suas bellas bochechinhas infladas, como queijo do Rheno... E faça o favor de andar, com mais elegancia e tirar o dedo do nariz...

Até sabbado, sim?

ALVES (?) — A sua carta não deixa de ser interessante. E' mesmo um prazer para mim o poder transcrevel-a.

Vejamos o que me escreve o sr.:

"Yves: V. se distrae, distraindo os outros, com a sua seção "Saibam todos..." Mas, vezes ha em que v. olvida a sua austeridade de critico e fortaleza de nordestino e se deixa de todo dominar pelas filhas de Eva, tirando á seção o encanto que tem. Vejo-o ironico implacavel para com os neófitos das letras, que o procuram. E com as gaúchas, paulistas, mineiras, capichabas, que são literatas... epistolares, é todo agradecimentos, delicadezas. Porque o elogiam? Oh! mas o elogio é muita vez uma ironia velada, uma experimentação á nossa fraqueza. Quem dirá que as *nossas literatas* do "Saibam todos..." não riem, intima e gostosamente, do seu enlevo de homem vencido á mentirosa caricia literaria de uma paulista? Ah! mas comprehendo agora o porque dessa contradição: v. atacando a mulher, em "Renda de espumas", escreve o que não sente e defendendo-a em "Saibam todos..." sente o que escreve. E' um Berilo Neves mais acabado mais perfeito, mas humano. Porque, talvez mais... feminista.

Não sei como o interpretará a observação que ai vae. E, já que faz grafologia, ser-me-á prazeroso ve-lo em detida analise, pesquisando o objetivo desta missiva.

E creia-me admirador do "Saibam todos..." e muito seu — *Alves.*"

Grafologicamente, a sua missiva não desperta interesse.

Como, porém, o sr. nota: "Não sei como v. interpretará a observação que ai vae" — devo accentuar o seguinte: para mim é muito grato e muito honroso o parallelo que faz entre mim e o meu illustre e brilhante amigo Berilo Neves. Mas, eu sempre tive opinião formada sobre as mulheres: não leval-as a sério. E muito antes de Berilo Neves publicar os

seus livros "A Costela de Adão" e a "A mulher e o diabo" eu já havia publicado "O Suave enlevo", poema de psychologia feminina, tendo, nessa occasião, (1927) merecido estas bondosas palavras de Carlos Dias Fernandes, o potente romancista de "A Renegada":

"O surprehendente emotivo de "O Suave enlevo" pode certejar muitas meninas, flirtar com varias "melindrosas", dizer phrases a muitas *bas bleus*, si lhe sobra tempo para esse melhor e mais aprazivel dos passatempos, mas não creio que essas loureiras vulgares possam comprehender os murmurios, as jaculatorias, as apostrophes, as subtilezas da sua musa. Falta-lhes o aroma essencial, que sóe attrahir e deleitar essas sombras pituitorias: a futilidade, o logar-commum.

De modo que a sua poetica rigorosamente psychologica e ironica como a de Heine e de Corbière resvala dos "boudoirs" masculinisados das "garçonnes" para a estante dos homens, dos escriptores. Tudo no seu livro é original e fascinante: a combinação engenhosa dos metros, para novos effeitos de harmonia; a graça negligente das locuções; o jogo paradoxal das idéas; o desdobramento das narrativas, a commedida selecção dos vocabulos, o modo natural de ferir e apresentar os assumptos".

Ahi está. E si só em 1932 publiquei o meu romance "Uma garçonne" carioca", foi devido á circumstancias que não pude superar. Esse romance foi uma resposta immediata aos criticos como o sr. Agripino Grieco, que me chamou o creador da escola "valentinismo poetico", e outros que disseram ser eu o poeta das saias, das melindrosas, do rouge das futilidades femininas e incapaz de uma obra séria (Sic).

Como vê o parallelismo em que me colloca pondo-me ao lado de Berilo — é honroso de mais. Faço no emtanto questão fechada de que se saiba que sempre tive attitudes proprias e definidas em relação ao julgamento das Evas. Quer dizer sempre pensei por mim e sempre escrevi mesmo no *Fon-Fon*, (desde 1922) falando mal ou bem das Evas, segundo o meu humor, o meu estado de nervos e as decepções que ellas me causavam.

E' pena que o sr., como outros leitores, não tenha acompanhado os zigue-zagues do meu espirito — desde que comecei a fazer literatura de alma feminina. Do contrario, o sr. não se enganaria, ao julgar-me.

JOTA (3) — Ahi está a carta de um cavalheiro que, ao contrario dos maus poetas, traça uma defeza minha, expontaneamente. Por ella se conclue que o sr. Jota é um homem que não vê as coisas com os oculos cinzentos dos homens de figado avariado.

Silencio. Escutemol-o falar. Dois pontos:

"Yves: Saudações. Incentivado pelo animo daquelles que se endereçam á essa seção do snr. Yves, resolvi tambem me arrogar esse direito redigir-lhe uma correspondencia.

Essa seção humoristica, que supra-citei, do "Fon-Fon", a que você chamou tão bem de "Saibam Todos", está a par de uma maestria notavel.

Admiro imensamente, quando, já por habito, me atiro á leitura das paginas da dita revista, o seu julgamento, aliás interessante e infalivel, a respeito dos máos poétas que se lhe dirigem, muitos dos quais, a pretexto da publicação de versos estonteantes, "versus", lhe amimoseam, nas suas missivas chafurdadas de cacofonias intragaveis, com adjetivos reforçados como sejam, ilustre, admiravel e outros mais que, não lhes querendo desmentir essa veracidade, calham perfeitamente bem.

Você é de um "humour" formidavel.

Yves, você, apezar de o chamarem (os máos poétas) de incorreto nas suas criticas, é demasiado complacente.

Não sei como aturar versos repletos de "congestões gramaticais" semelhantes!

E' um tormento peor do que o de Prometeu, Yves! (inteletualmente).

E eles a lhe taxarem de máo, sim senhor!

E a respeito da sua parcialidade a favor do sexo fraco?

Esses "redactores" masculinos, inimigos do belo sexo por um triz não estoiram de raiva; não se contêm com a sua parcialidade, si bem que razoavel.

Como se criticar ao belo sexo? e com o mesmo desprendimento com o que se critica o homem?

A' mulher não se critica dá-se-lhe conselhos — é o que você faz.

Admiro, Yves, sua espirituosidade, o humorismo de que você é de fato possuidor. Sem pretexto de nenhum soneto, maxime sendo ele de "p"; quebrados" Atenciosamente — *Jota.*"

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephones: 2-4136 e 2-9706

FON-FON — 3-6-933

Data da consulta..............................

Nome do consulente..............................

....

A ESCOLA NORTE-AMERICANA

A quarta parte da população dos Estados Unidos está na escola.

Nesse grande paiz se dá a instrucção ou, melhor, á educação publica, a maxima importancia. A verba orçamentaria consignada para tal fim é fabulosa.

O Estado, ou melhor, a nacional que assim designamos, tem ahi, uma clara concepção do seu dever relativamente a esse relevante problema, pois não somente tem a escola para preparar o cidadão como tambem, depois de terminar essa vida escolar, lhe proporciona ainda as conferencias educativas permanentes e a bibliotheca circulante ou ambulante, espalhada pelos logares mais afastados.

Si os Estados Unidos não tivesse adoptado esse methodo de dar preferencia á educação publica sobre todas as demais preoccupações nacionaes, quem sabe se não teriam desapparecido como, uma grande nação, convertendo-se em nacionalidades fragmentarias, como os Balkans, na Europa?

A educação domina as paixões e vae polindo o homem, fazendo desapparecer nelle o fundo selvagem com que a natureza o doptára desde a época primitiva, quando tinha que lutar com as féras e exterminal-as para poder viver.

Si a grande republica tivesse tido tambem a concepção mental de que um homem que passasse por uma alta escola deveria ser advogado, medico, etc., talvez não fosse hoje o que é. Porque, a creança americana se faz comprehender que a escola primaria e o ensino superior não são patrimonio dos aspirantes a titulos de bacharelato ou doutorado para ganhar o soldo do Estado ou o dinheiro do particular e sim que a escola primaria e secundaria deve ir toda creança afim de preparar se para ser homem e cidadão capaz de aspirar ás mais altas funcções embora tenha de desempenhar os mais humildes officios.

O MAIS DÔCE SONHO...
A cutis impecavel obtida com um pó de arroz de ALTA QUALIDADE e de perfume inebriante.
realisado por
ORYGAM
de
GALLY
CAIXA 6$.

Um NOVO SABONETE

para o seu toucador

A Companhia Gessy S. A. tem por lemma servir bem o publico. Por isso, ha poucos mezes apresentou, inteiramente melhorado, o Creme Dental Gessy. Por isso apresenta agora, depois de longas experiencias de laboratorio, o novo Sabonete Gessy, novo na massa, na côr e no perfume.

A massa do novo Sabonete Gessy é macia e consistente e a sua espuma abundante é sedosa e fina, lembrando uma caricia de mulher.

O novo Sabonete Gessy tem um perfume mysterioso, suave e duradouro, producto de um fino "bouquet" da perfumaria franceza.

Feito de oleos vegetaes, age como um balsamo tanto sobre a epiderme infantil como sobre a delicada cutis feminina. A pureza do sabonete Gessy é verificada em todos os estagios da sua fabricação.

Experimente o novo Sabonete Gessy, aspire o seu perfume e utilize-o, pela sua pureza, no banho e na sua toilette quotidiana.

SABONETE

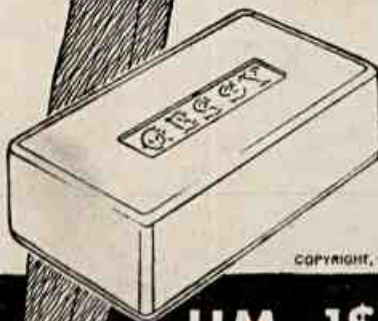
GESSY

Producto da Cia. Gessy S. A.

PURO COMO A ROSA QUE LHE DÁ A CÔR

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 22

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 3 de Junho de 1933

Um romance antigo

* * *

Martins Capistrano

MARIE DUPLESSIS — flôr de ternura e de peccado que desabrochou no jardim sentimental de 1830 — teve o destino amargo e doloroso de todas as mulheres que procuram o amor, e só o encontram no seu coração angustiado e vazio. Viveu, por isso, sem affecto, perdida no pandemónio de Paris, suave e melancolica, esperando, inutilmente, a miragem da felicidade. Como si, no mundo de hontem e de hoje, valesse a pena esperar....

Alexandre Dumas, que tambem foi triste e conheceu Duplessis quando ella não podia amál-o como elle queria, immortalizou, num livro de gloria eterna, a branca e desolada figura da linda peccadora que tantos homens desejaram e tantas mulheres, nobres e plebéas, invejaram. E, assim, *la dame de tous les coeurs, de toutes les âmes*, que teve a existencia de uma rosa sacudida pelo temporal da volupia, ficou, depois de morta, vivendo o seu romance na grande obra do grande revoltado. Mas a *Dama das Camelias* é um livro de exaltação aos erros das mulheres transviadas e tem a fantasia luminosa de todos os romances inspirados pelo arrependimento e pela saudade. A verdade está, ali, vestida com as roupagens fulgurantes da veneração e do amor, que occultam, piedosamente, as arestes dos mais aggressivos defeitos femininos. Por isso mesmo, Marie Duplessis (ou Marguerite Gautier) apparece, na obra de Dumas, abnegada e pura como todas as heroinas do amor.

A historia real, a melancolia e amargurada historia da infeliz camponeza de Nonant que a literatura glorificou em paginas de alta e commovida belleza está amplamente focalizada no livro célebre de Johannès Gros, que suggeriu a Claudio de Souza a evocação da vida delirante daquella suave creatura em cuja angustia interior mergulhou, fascinada, a sensibilidade de Dumas.

O autor illustre de *As mulheres fataes*, que tem a vibração emocional de um legitimo artista, e ainda neste seculo da mechanica e da vertigem sabe exaltar a antiguidade do sentimento, escreveu, aliás, o seu *Um romance antigo* para as "almas de crepûsculo e de ternura", que "encontram maior encanto na meia-luz, nos perfumes vagos, nas imagens esbatidas, nas flôres sêccas da saudade."

Marie Duplessis illumina, com a sua graça côr de lyrio e a sua desventura fascinante, os capitulos enternecedores desse livro que tambem illumina a alma insatisfeita e macia dos que amam o amor na alegria ou no infortúnio, no clarão voluptuoso da illusão ou nas sombras tranquillas do desengano. Claudio de Souza desenha a silhueta esmaecida da pobre adolescente maltrapilha que se atordoou nas ruas de Paris num dia de bruma do anno de 1838. Desenha a Alfonsine Plessis que viéra da provincia trazida pela mão invisivel do destino presidindo aos actos de seu pae. A garota ingenua que vendia fructas e legumes numa quitanda da rue des Deux-E'cus.... O transeunte que a encontrou perdida no turbilhão parisiense.. Romain Vienne.... A vida desfilando a seus olhos que haviam de ver tanta coisa.... A *grisette* que brilhava nos bailes de estudantes, na perdição dos cafés, nos *ateliers* dos artistas.... A fascinação do peccado....

Depois, de menina repugnante, ella se transformou no *idolo galante* da grande cidade vertiginosa, que a colheu nos mil tentaculos do seu deslumbramento irresistivel. E Alfonsine mudou de nome, e ficou differente, e começou a tentar a volupia e a maldade dos homens. Aprendeu a fingir. A fingir que amava. E foi crescendo na admiração dos caçadores de honra. A degradação moral consumiu-lhe a existencia, mas não conseguiu sorver-lhe os encantos immortaes de uma nobreza que trouxéra do interior da França. Alfonsine, transformada em Marie Duplessis, cortejada pelos homens, engrandecida pela vaidade dos outros, não perdeu a virtude da simplicidade e da ternura, que foram as suas maiores seducções. Sua vida interior foi sempre a mesma.

O admiravel novellista de *Chiquinha Faceira* pinta uma figura triste e generosa, delicada e sentimental, que passou a sua vida breve procurando, inutilmente, o impossivel da felicidade e do amor. A verdadeira figura da grande soffredora que morreu tuberculosa aos 24 annos, em pleno carnaval parisiense, ouvindo o ruido impiedoso das gargalhadas da vida. "Morreu como as camélias — escreve Claudio de Souza: — exangue, livida, sem revelar o branco segredo de sua alma."

Claudio de Souza revive, em *Um romance antigo*, episodios lyricos de uma historia que nunca envelhece, porque feita de sentimento e de ternura. Uma historia que os seculos recordarão commovidos deante dessa triste e doce mulher que nasceu para esperar o amor.... O amor, entidade abstracta, imponderavel, subtil, ás vezes luminosa, inattingida quasi sempre, mas que ha de dominar o mundo emquanto existir uma alma que palpite e um coração que vibre...

Eu vi o teu corpo dourado, na praia morena,
A' luz vesperal, braços abertos, o collo arfando,
Junto á fimbria do mar luminoso.
Vi uma onda crescer, até devagarinho,
Tocar-te os cabellos, fazer-se pequena,
Fugir-te, num meneio caricioso.

A magia se repetiu: clara, frementе,
Outra onda te cobriu, em torvelinho,
Como si te quizesse arrastar para o pélago,
Em movimentos quasi brutaes.
Deixou-te, sem demora, indifferente.
Reabriram teus olhos, ainda mais bellos,
E esse corpo dourado brilhou mais.

Então desejei que o mar embravecesse,
Num minuto, e, em delirio, num arranco,
Espumosamente, loucamente branco,
O teu corpo, de subito, envolvesse,
Num turbilhão de lyrios immortaes.

Que te revelaria a vaga inquieta e múrmura?
Conversas de ondinas, estrophes da musica
Das sereias, perfumes da flora do mar?
O segredo, talvez, aos teus ouvidos,
Dos gemidos
Dos tritões verdes á hora de mar?

Depois, vi outra vaga, mansa, muda,
Assaltar-te, contente, afofando sargaços
Para o teu leito régio, que avelluda.
Num grito infantil, defendes-te com os braços,
Temerosa da súpplice, importuna,
Que só te veiu acariciar.

Adivinho-te á bocca um novo summo,
Menos gosto de sangue que de mar.
Rescendes toda, com certeza, á onda,
No mais estranho dos apogeus.
Deverás exhalar, hoje, um aroma
Que embriagaria até um deus.

Oliveira e Silva

Rendas de espuma

A prophecia

SO' por pilhéria foi que o escriptor estendeu a mão, nodosa e forte, á formosa cigana.

Elle queria rir.

Rir das coisas tolas que ella lhe predissésse.

Mas, a bohemia falou. E a sua meia lingua era uma especie de "cock-tail" de castelhano, francez e portuguez mal alinhavado.

Fitando-o, ella affirmou:

— Senhor aime una mujer loira...

— Loura ou morena?

— Blonde, monsieur. Je vous l'assure... Pas morena...

Elle sorriu, displicente. Mas, logo depois, tornou-se um pouco sério. Que se teria passado dentro delle? Que sombra interior lhe teria invadido a alma? Um suspiro longo brotou dos seus labios frios. A sua face fez-se mais sombria.

— Não é verdade — desmentiu elle.

— Como, senhor! — alarmou-se ella, como que offendida.

— No es verdad — reforçou o rapaz.

— Verdad, lo repito yo... Ne niez pas, monsieur. Vous aimez follement une petite blonde...

O escriptor não procurou contestál-a. E disse, com um sorriso nervoso:

— Adeante!

A bohemia examinou-lhe a mão, novamente, e declarou, após um curto silencio:

— Ama, sim. Mas, vejo muitas embaraços en su vida. Vous ne serez pas heureux avec la petite blonde... La muchacha rubia... La linha de su corazon es muy mala, senhorr... Hay un ramal dessa linha que sobe para el monte de Saturno e outro que desce para la linha de la cabeça... Comprende usted?

Com um gesto breve, o moço disse que sim.

A bella cigana atirou as tranças para traz. Espalmando a larga mão do escriptor, proseguiu com absoluta indifferença. Como si nada daquillo a commovesse.

E foi assim que o escriptor soube ser protegido pelo planeta Jupiter. Elle influia, enormemente, sobre o seu destino.

Naquella época, porém, estava fóra do cyclo protector do grande astro.

O escriptor esforçou-se para não trahir a sua emoção.

— E' mau presagio?

— Non entendo, senhorr?

— E' coisa má, o que isso indica?

— Querr dizer que senorr vae perder mais depressa la muchacha rubia...

— Basta! — sorriu o escriptor, fingindo ar incrédulo.

Pôz mais uma moeda de prata na mão esguia da cigana.

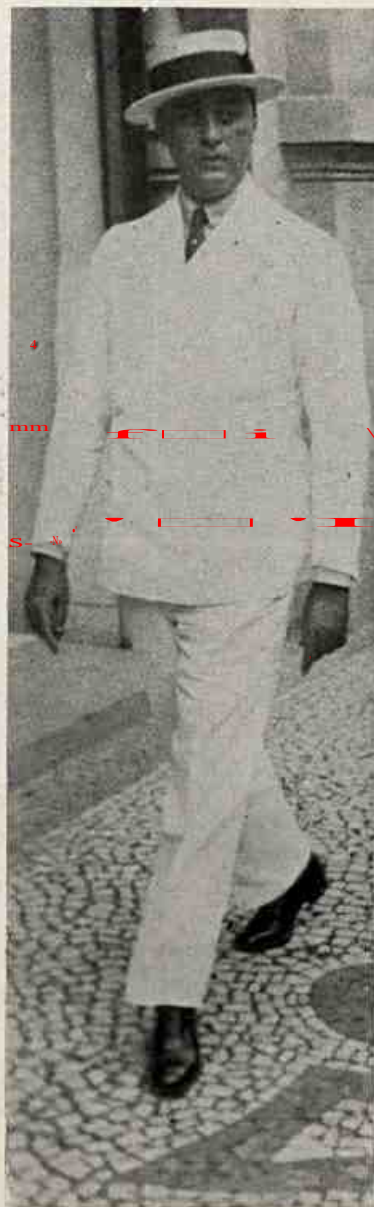
E afastou-se sem dar maior importancia ás prophecias da mulher.

A' tarde, antes de sentar-se á mesa para o jantar o telephone bateu.

(Conclue na pag. 33)

Didi Caillet, a bella «Miss Paraná», ou antes, «Miss Intelligencia», como se tornou mais conhecida no paiz, vae contrahir nupcias, no proximo dia 8, com o sr. Luiz Abreu de Leão. A senhorita Didi Caillet passará a assumir o grave titulo social e civil de «Madame». Entretanto, ella permanecerá Didi Caillet, «tout court», porque, certamente, — e apesar do nome illustre e da fidalga distincção de seu esposo — todos os seus admiradores continuarão a vêr, na joven e formosa filha da terra das araucárias, a mesma dona daquelle espirito brilhante, que tão bem soube honrar a cultura, o prestigio e o engrandecimento do Paraná, representando a belleza e a graça femininas do seu Estado, e dando-nos livros interessantes como «Taú» e «Reviver», onde se apuram as suas finas qualidades intellectuaes. Assim, esse acontecimento não deve ser grato somente áquelles que tiverem a fortuna de privar na intimidade do distincto casal, mas, tambem, a todos quantos se habituaram a admirar, em Didi Caillet, a fascinante «Miss Intelligencia».

UM PRINCIPE DAS LETRAS

O destino do homem de letras que vibra, educa e rasga a estrada do conhecimento universal, pela cultura e pela imaginação, é o combate que recebe da mediocridade, sempre atrevida, deprimente, violenta, quando não sacrilega. Essa miuçalha mais ou menos anonyma, que escreve ou fala por ouvir dizer, inquieta por se projectar nos galarins da fama que lhe foge como o diabo da cruz, arma-se de pedras e ataca impiedosamente quantos lhe passem na frente ronceira. Acha-se no primeiro caso a figura bizarra de Gustavo Barroso, apolineo perfil de prosador. Em torno de sua obra magnifica, toda sarjada de elegancia e de belleza, rondam as salamandras iconoclastas que lhe pretendem diminuir o perfil como si fosse possivel descêl-o da peanha luminosa de 50 volumes, mais resistentes aos vagalhões da maldade que a pedra, o bronze e o ferro. Isso, no emtanto, que representa a sorte commum dos vultos de mérito, identificados pelo apedrejamento ás arvores que dão fructos, serve de estimulo ao grande romancista cearense, e leva-o, como a abelha laboriosa e benefica das nossas florestas, a fabricar o nectar da sabedoria transparente, succulento e perfumado. Versando todos os assumptos do poliedro mental através de acontecimentos sociaes, politicos, philosophicos, religiosos, economicos artisticos, literarios, o seu trabalho é marcado por uma chancella de raro cunho lexico. Do folk-lore á diplomacia, da lenda á botanica, da geologia aos phenomenos meteorologicos, dos costumes á archeologia, focando plantas, bichos, estrellas, aguas, clans e tribus em surtos impenitentes e polimórphicos, a sua narrativa é sempre fascinante. Desde a *Terra de Sol*, apparecida aos lampejos da luz fecunda, até a *A Senhora de Pangim*, patriotica e corruscante novella, que a Natureza recebe das mãos propiciatorias de Gustavo Barroso o véu encantado que a diviniza num meio mysterio de harmonia e formosura. Seu cálamo miraculoso conquista assim, no turbilhão egoista dos despeitados, o titulo de principe duma dynastia intangivel, que vem da Grecia pagã ao paiz do Cruzeiro encadeada numa corrente de ouro. Inventando ou concretizando apenas os motivos que lhe incidem na retina, sente-se o estheta, num circulo fulgurante, forjando, construindo, estylizando. De analysta do homem e da collectividade, que examina o ser e a multidão, elle vae, numa parabola inductiva e deductiva, á pesquiza dos mythos dos cometas, das maravilhas da vida, em summa. No panorama ethnico afloram-lhe os documentos psychologicos. Toda a caravana tarada mórbida e alegre de malfeitores, mysticos, bandidos, cantores heróes, improvizadores e beatos do meio-norte, anima-se-lhe ao colorido da penna, agita-se no borborinho sertanejo e ouve-se, então,

Um instantaneo de Gustavo Barroso.

a viola e a sanfona medindo o passo do lundum voluptuoso ora desnalgado e sensual, ora timido e merencoreo. Estalam os dedos em versos enigmaticos e decifradores, eravam-se as facas no coração dos adversarios. O ambiente de amor e de morte alaga-se no sertão escampo. Da terra adusta, de ipueiras carimbadas pelo casco da rêz triste e vascillante, vagindo ao bochorno da atmosphera ardente, que impossibilita e repelle a existencia sob todas as fórmas, ás noites de luar macio, embebido no leite da lua, Gustavo Barroso arranca os mais singulares contrastes e insufla, curioso drama de seu lindo berço, o sopro da tragedia e da pastoral. A narrativa se lhe polariza na rosa e no sapo no fogo que escalda a terra e na chuva que produz o vergel. Naturalista lyrico, que regista a raiz e o broto com a mesma emoção, o seu descortino, largo como a planicie do mar, desdobra-se por todos os quadrantes e vê tambem o caudilho pampeano, para alem de nossas lindes fronteiriças, aureolado na tyrannia vermelha do sangue. As esculpturas que lhe sahem do cinzel corporificador desses typos fabulosos das Republicas platinas, meio santos e meio ladrões, capazes do reino dos céus e da maldição humana, valem por numerosas cariatides sustentando a fama rompante daquelles régulos. Cada organização mórbida de taes centauros politicos, *double* de generaes e de bispos, de apostolos e de contrabandistas, encalçados pelas victimas em tropel, que os accusam das maiores infamias, das maiores indignidades, dos maiores latrocinios, decalca a revelação psychologica surprehendida pela visão de Gustavo Barroso no Paraguay, na Argentina, no Uruguay, chame-se o paranoico Francia, Lopez, Rosas ou Flores. Nas pesquisas que fez sobre a Atlantida, recapitulando o que os geógraphos desde os tempos de Platão, colheram dos sacerdotes egypcios, á margem do Nilo, e dos bramanes do Himalaia, dentro do Tibet, accrescenta notas elucidativas á cosmographia idealizada a proposito da metamorphose estructural do Planeta; remarca, através de continentes e ilhas naufragadas no oceano, e de mares e rios naufragados em terra, as transformações lentas pela acção do tempo e as mudanças bruscas pela acção ignea. Sua imaginativa admiravel lembra a lente dum caleidoscopio maravilhoso por onde cruzasse como na lenda dos seculos, toda a geographia cósmica. Montes e valles, monstros e plantas daquelles idos annuviados, cheios de morcegos e lagartos gigantes, centopeias tremendas e reptis de azas, marcham ante a menina dos nossos olhos assombrados. A ceramica de Marajó, que num floreio archeologico elle confronta com a ceramica de outros paizes para tirar illações bizarras da jornada migratoria dos povos, dos roteiros ethno-

(*Conclúe na pag. seguinte*)

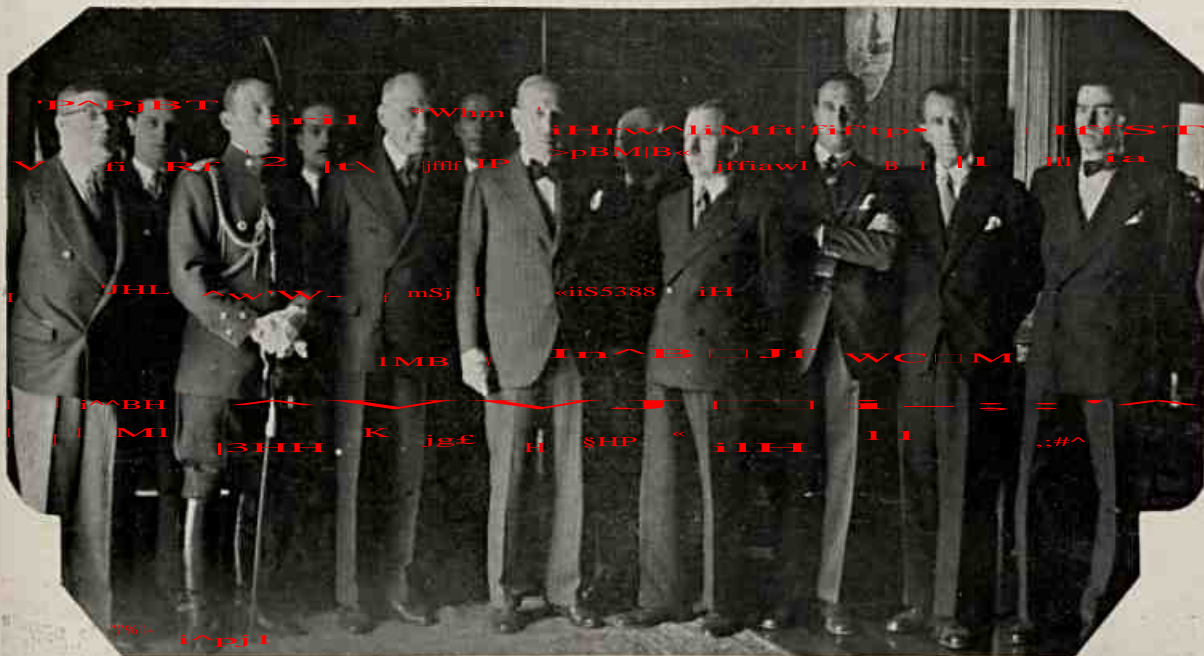
Domingo passado, o sr. embaixador da Italia e a senhora Roberto Cantalupo offereceram, nos salões da embaixada italiana, a sua primeira recepção em honra das autoridades brasileiras, do corpo diplomatico e da nossa alta sociedade.

graphicos, é um balanço magistral de concepção, no qual o contorno dos vasos, a tinta decorativa e o hieroglipho remoto são pontos de referencia na pre-historia mal desvendada ainda pelos sabios. O trabalho de oleiro, polarizado no tijolo da Babylonia e na urna antropomorpha de Maracá, na letra cuneiforme do Oriente e nos caracteres symbolicos do Occidente, recompõe o *habitat* do homem das primitivas civilizações, riscando-lhe a jornada a todos os rumos. Ao receber no Sylogeu Nacional, em nome da cultura patricia, o maior

Um principe das letras

(Conclusão)

poeta vivo da Grã-Bretanha, que é Kipling, Gustavo Barroso mostrou que sua palavra, como a de Taine na *Historia da Literatura Ingleza*, revolvia os mais fugidios pormenores da idéa, do pensamento, da emoção, do sentimento e da sabedoria de Albion, gravando, nos pannos de belleza da America do Sul, o perfil do famoso aedo. Presidente actual da Academia Brasileira de Letras, acima pois do remoque literario, sereno e firme ao ataque da impotencia destruidora, o governo provisorio, num rasgo de justiça revolucionaria, acaba de integral-o no velho cargo de director do Museu Historico da capital da Republica, instituição por elle fundada com os maiores carinhos da intelligencia e da cultura. E' esse acto nobre do dictador que me traz a publico para falar de Gustavo Barroso, homem illustre por todos os titulos que sua penna prodigiosa conquistou no meio da *élite* pensante do Brasil.

RAYMUNDO MORAES

O sr. embaixador Mora y Araujo commemorou a data da Argentina, na penultima quinta-feira, com uma recepção offerecida aos compatriotas de s. ex. residentes nesta capital ou que aqui se encontrassem de passagem. A gravura mostra o illustre representante diplomatico da Republica Argentina junto ao governo brasileiro entre algumas das pessôas que foram cumprimental-o por esse motivo.

O marechal Pilsudski, o grande libertador da Polonia, em companhia de sua esposa e filhas, por occasião de um desfile militar em Vilno, em commemoração do 14.º anniversario da libertação dessa cidade. Vilno, desde a união da Lithuania e Polonia, no século XIV, permaneceu sempre uma cidade poloneza. E' ligada á Polonia por antigas affinidades espirituaes e foi lá que viveu grande parte de sua mocidade o illustre poeta polonez Mickiewicz.

Reuniu-se no palacio do Itamaraty, sob a presidencia do sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, a delegação brasileira do «Comité Juridique International de l'Aviation», de Paris, presidida pelo grande jurisconsulto dr. Clovis Bevilaqua, e da qual fazem parte, além daquelle eminente patricio, gloria das letras juridicas nacionaes, os drs. Antonio Moitinho Doria, Claudio Ganns, André Faria Pereira, Augusto Saboya Lima, Deodato Maia, Carlos da Silva Costa, Rodrigo Octavio Filho, Octavio do Nascimento Britto, Trajano do Paço, Philadelpho Azevedo, Haroldo Valladão, Edgard Ribas Carneiro, Ismael de Souza, Edmundo d'Oliveira e Caiuby de Araujo. O chanceller Mello Franco, depois de declarar installados os trabalhos, deu a palavra ao dr. Clovis Bevilaqua, que produziu notavel peça oratoria sobre os altos objectivos do «Comité», seguindo-se-lhe na tribuna o dr. Moitinho Doria.

CREAÇOES JEAN PATOU

Taupê reversible violet.

(Photos especiaes para FON-FON).

Paulo de Setúbal, consagrado escriptor paulista, que acaba de publicar os livros «O ouro de Cuyabá» e «Os irmãos Leme», recebidos com os louvores da critica. E' um romance que dispensa maiores referencias e do illustre autor de «A Marqueza de Santos» e outros conhecidos romances historicos.

CONCURSO IBERO-AMERICANO DE NOVELLAS

A obra de approximação intellectual entre os povos do continente sul-americano já se vêm affirmando em iniciativas e realizações auspiciosas, tendentes a estabelecer, dentro de breve, intenso e fecundo intercambio de actividade espiritual neste lado do Atlantico.

Como estimulo a esse movimento de nobres e elevados objectivos, La Revista Americana de Buenos Aires, *de que é illustre representante nesta capital o conhecido escriptor patricio* Mario Vilalva, *deu á organização de seus concursos literarios annuaes a maior amplitude, tornando-os extensivos aos escriptores da lingua portugueza residentes na America.*

Assim, para o anno corrente, a excellente publicação argentina já abriu o seu concurso de novellas entre escriptores da lingua castelhana e portugueza, estabelecendo varios premios para as obras melhor classificadas.

"PETIT-BLEU"

Fico ás vezes a pensar em como o destino se compraz, não raro, em approximar, para logo afastar, almas e corações que deveriam marchar sempre unidos, sempre juntinhos, um ao lado do outro, pela estrada, cheia de imprevistos, da vida...

Nós, por exemplo.

Um dia, partidos de pontos differentes, encontrámo-nos um deante do outro numa encruzilhada florida da vida.

E, como aquella visão dannunziana de Il Segno d'un matino di primavera, tua figurinha sorridente, esplendida de belleza e de charme, deu-me a impressão de ter deante de meus olhos deslumbrados uma floração humana da primavera.

Olhámo-nos, depois, bem nos olhos. E meus olhos, perçant tes yeux aimés, perderam-se desde então, no mysterio e no sortilegio de teu ser. E nunca mais eu tive olhos para ver e amar outra mulher que não fosse a figurinha radiante que, um dia, o destino me fez encontrar numa encruzilha da florida da vida.

E amámo-nos, com um amôr que a tudo parecia resistir. Um amôr fort comme la mort... E confundimos no mesmo beijo nossas almas e nossos corações.

Um dia, porém, a infinita amargura de um "adeus" se interpoz entre nós. Seria, mesmo, o fim — perguntei-me.

E logo me veiu á mente a phrase amarga e dolorosa de Thomas Hardy: "a vida é um curto amôr e um continuo adeus"...

Mas sempre haverá na vida um ultimo amôr e um adeus derradeiro.

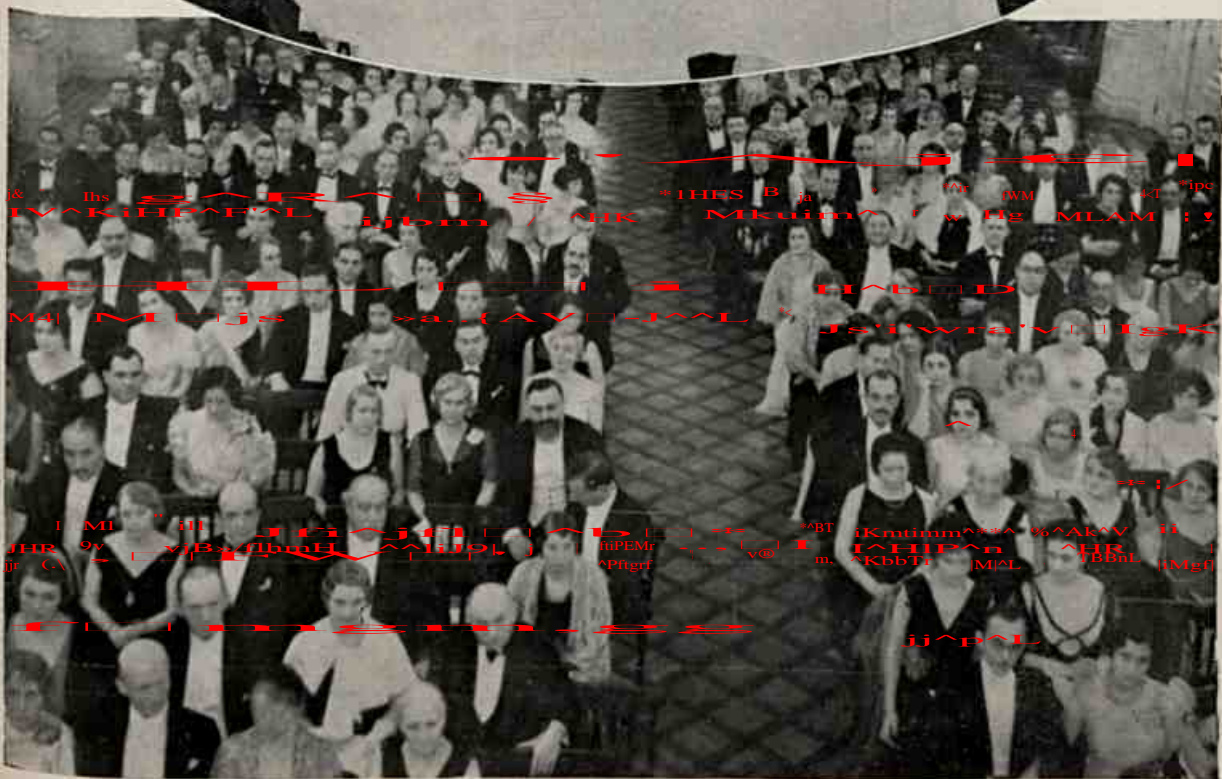
E o nosso amôr foi, é e será o nosso ultimo amôr, porque venceu a propria força do destino.

E o adeus derradeiro, na vida será o daquelle que cerrar, para sempre, os olhos amados do outro; do que partir primeiro para a suprema revelação do au-delá do mysterio da Morte, renovadora eterna da vida e de todo grande e forte amôr que foi a felicidade e a dôr suprema de duas almas e de dois corações... — E.

Cid Corrêa Lopes, cujo nome varias vezes tem apparecido na imprensa carioca firmando trabalhos literarios e artigos de critica aos homens publicos, escreveu um livro em que focaliza e estuda, com o seu critério pessoal, figuras e factos do scenário politico brasileiro contemporaneo. «A reconquista do poder» é obra de exaltação e de combate, e como tal poderá ser apreciada e julgada pelos que, acima das paixões ou dos exaggeros dos homens, collocam, superiormente, as bellezas e as virtudes da arte de escrever.

Florencio Santos, scintillante chronista da imprensa bahiana, e figura de relêvo nos circulos intellectuaes de São Salvador, acaba de publicar «Imagens que dansam», obra interessante, que reúne vários trabalhos impressionistas escriptos para a vida ephêmera do jornal, mas que merecem a consagração do livro.

UMA FESTA DA SOCIEDADE POLONEZA

A sociedade poloneza desta capital teve uma linda festa na noite da penultima sexta-feira com o concerto, seguido de recepção, que se realizou no salão nobre do Botafogo Foot-ball Club, onde a illustre artista sra. Adelina Korytko, primadona da Opera de Varsovia, cantou para uma fina assistência, e o sr. ministro Thadée Grabowski homenageou o seu glorioso compatriota Stanislaw Sharzynski, a quem foi offerecida a elegante reunião. A primeira parte da festa foi organizada pela Sociedade Polono-Brasileira «Kosciuszko», que também prestou expressiva homenagem ao vencedor do «raid» transatlântico Polonia-Brasil, commemorando, ao mesmo tempo, o anniversario da Primeira Constituição Poloneza. Focaliza esta pagina trez detalhes da reunião.

O Cenáculo Fluminense de Historia e Letras promoveu sabbado passado, no salão nobre da Escola Normal de Nictheroy, uma brilhante solennidade para receber seu novo membro, o dr. Preto Guerra, illustre figura literaria do Estado do Rio, que vae occupar, naquella instituição, a cadeira que tem como patrono Olavo Guerra.

Preto Guerra foi recebido pelo sr. Amadeu de Beaurepaire Rohan, presidente do Cenáculo Fluminense, que apparece a seu lado, na segunda photographia desta pagina. Em cima, vê-se o intellectual fluminense entre as autoridades, collegas e artistas presentes á festa do Cenáculo.

O AMÔR

O amôr em si mesmo, isto é, a attracção reciproca de dois seres, não é a felicidade. Mal dirigido, esse amôr póde ser a origem de soffrimentos indiziveis. Não é preciso amar. E' preciso saber amar.

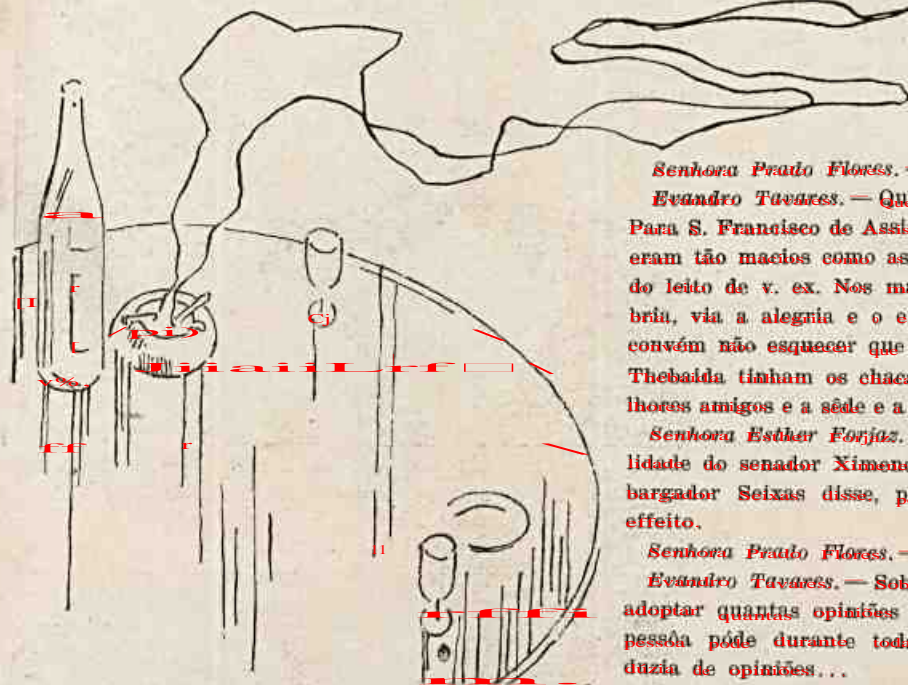
SIENKIEWICZ

A senhorita Stella Balthazar da Silveira, jornalista bahiana, representante da Associação Brasileira de Imprensa em São Salvador, visitou a séde da A. B. I. na noite de quarta-feira penultima, durante a sessão do Conselho Deliberativo, cujos membros presentes prestaram expressiva homenagem á joven collega. No grupo do «cliché», além da senhorita Stella Balthazar da Silveira, apparece tambem o sr. Rego Barros, representante do Syndicato da Imprensa Portugueza, ladeados ambos pelo Conselho Deliberativo da A. B. I.

Os novos alumnos dos cursos de agronomia, medicina veterinaria e chimica industrial da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinaria promoveram sabbado á noite, no salão nobre daquelle estabelecimento, a «festa do calouro», offerecida aos seus collegas veteranos.

No restaurante da «Casa do Estudante» realizou-se domingo passado o almoço que os veteranos da Acção Universitaria Catholica offereceram aos novos socios daquella associação representativa da classe academica, e que são os moços matriculados este anno nas nossas escolas superiores.

sentimentalismo

Eduardo Tourinho

—E' um thema aspero, — rematou a senhora Prado Flores...

E absorveu-se na contemplação da Guanabara illuminada "a giorno", que a varanda colonial de sua vivenda de Botafogo dominava.

O Bohemio-Philosopho. — Um escandalo social... Tinha razão o espirito analytico que proclamou: "Não é a mulher sensual que falha no amor; mas, exactamente, a que não o é."

Transpondo a porta aberta sobre o "hall" ovalado, forrado de vitraes de côres vivas, o creado, — pinguin domestico, — tufando o peito espelhante da camisa sob a casaca compressora, annunciou:

O sr. Evandro Tavares.

Evandro Tavares, jornalista, cathedratico de mundanismo da revista "Elegancias" e autor de uma "Moral Social", que merecêra a franca condemnação do clero e a cordial sympathia das senhoras — porque derrubava todos os principios sem fixar nenhuma directriz nova — era para a dona da casa a mais agradavel das pessôas que animavam suas reuniões. Admirava o transcendente cynismo de suas idéas e a ironia e piedade que dispensava ao genero humano, do qual era ella harmoniosa expressão.

Cumprimentando a senhorita Ophelia, disse o chronista mundano de "Elegancias":

— Felicito-a. Disseram-me que foi, na ultima festa do "Palace", proclamada "Rainha da Ranchera" e "Princeza do Jazz-Band".

Senhora Prado Flores. — Que thema tão aspero...

Evandro Tavares. — Que é aspero, minha senhora? Para S. Francisco de Assis, os calcareos dos caminhos eram tão macios como as almofadas de sêda e paina do leito de v. ex. Nos martyrizantes olivaes da Umbria, via a alegria e o esplendor do seu Deus... E convém não esquecer que os primeiros habitantes da Thebaida tinham os chacaes do deserto como os melhores amigos e a sêde e a fome como graças do céo...

Senhora Esther Forjaz. — Alludiu-se á incompatibilidade do senador Ximenes com a esposa e o desembargador Seixas disse, por accaso, uma phrase de effeito.

Senhora Prado Flores. — Qual a sua opinião?

Evandro Tavares. — Sobre casos de amor, podemos adoptar quantas opiniões tiverem os outros... Rara pessôa póde durante toda sua existencia ter meia duzia de opiniões...

Senhorita Ophelia. — Por que diz isto?

Evandro Tavares. — Não sou eu quem diz; quem o affirma é Gustavo Le Bon...

O Bohemio-Philosopho. — Até o silencio é uma opinião.

Felix Larte, Conde do Papa. — Mas, certamente, no seu intimo, condemno taes delictos...

Evandro Tavares. — Em amor, cada pessôa se suppõe original, com uma moral para cada instante e cada caso, como si fosse possivel, em amor, distinguir-se o que é moral e o que é immoral...

Felix Larte. — Essas idéas são uma ameaça á familia...

Senhorita Ophelia. — Vejam como a lua se levanta sobre o pico do Pão de Assucar! Parece uma bola de bilhar equilibrada sobre o nariz de um Roquette da Crista!

O Bohemio-Philosopho. — A Familia é uma instituição monotona...

Esther Forjaz. — Pobre mariposa...

Felix Larte. — Quando a conheci era um lotus...

Senhorita Ophelia. — O lotus é aquella flôr que só brota de cem em cem annos?

Felix Larte. — Os antigos ligavam no lotus...

O Bohemio-Philosopho. — O lotus é como Deus: ninguem vê, e todos affirmam que existe...

Esther Forjaz. — Mariposa foi incomprehendida...

A senhora Prado Flores. — Nenhum homem nos comprehende...

O Bohemio-Philosopho. — Dir-se-ia serem as mu-

theres um problema de falsa posição em palavras cruzadas...

Felix Lante. — A mulher deve ser como a Justiça...

Evandro Tavares. — Então não devia existir...

A senhora Prado Flores. — Mariposa era uma romantica...

Esther Forjaz. — O casamento é uma dura realidade...

O Bohemio-Philosopho. — Entre nós, o casamento é um emprego publico para a mulher...

Evandro Tavares. — O aborrecimento sentimental de accordo com as leis divinas e humanas.

O Bohemio-Philosopho. — A superioridade dos que o não são está em se aborrecerem fóra de oppressões legaes...

A senhorita Ophelia. — De fórma que no Amor todos erram?

Evandro Tavares. — Não ha erros onde ninguem acceita.

O Bohemio-Philosopho. — Na traição sentimental o que ha de peor é a palavra *traição*...

Felix Lante. — As traições dessa natureza deviam ser punidas com os sete circulos do Inferno de Dante.

A senhorita Ophelia. — O inferno de dantes? O de hoje é differente?

Evandro Tavares. — Os infernos passaram como o Segundo Imperio e a Primeira Republica...

A senhorita Ophelia. — O amor não passa segundo os livros de Henri Ardel... E...

O Bohemio-philosopho. — E' a pirataria sentimental.

Evandro Tavares. — E' a delicia da nossa imaginação.

Felix Lante. — E' a união das almas sob o manto do Senhor...

Esther Forjaz. — E' dizer-se "um passatempo para as mulheres?!"

A senhora Prado Flores. — Ha peccados de amor?

Felix Lante. — Só o amor de Deus é isento de culpas

A senhorita Ophelia. — Foi o que o padre Coulet affirmou na sua ultima conferencia. Elle é um genio..

Sra. Prado Flores. — Mas houve um escandalo. Si não fosse o escandalo...

Evandro Tavares. — Um escandalozinho de vinte e quatro horas. Neste seculo os escandalos duram somente vinte e quatro horas — o tempo que duram as edições dos jornaes que os estampam.

Esther Forjaz. — Não foi tão grande sua falta!

O Bohemio-Philosopho. — Foi quasi um incidente de familia. Que valeria a vida em familia sem um escandalozinho de vez em vez? Morrer-se-ia de tédio..

Felix Lante. — Um pequeno erro. Só Deus não erra.

Evandro Tavares. — Como se póde precisar o que é e o que não é certo na vida? A existencia de certas creaturas não significa um erro originario?

O criado (pinguin domestico). — A senhora Ximenes pergunta si póde ser recebida?

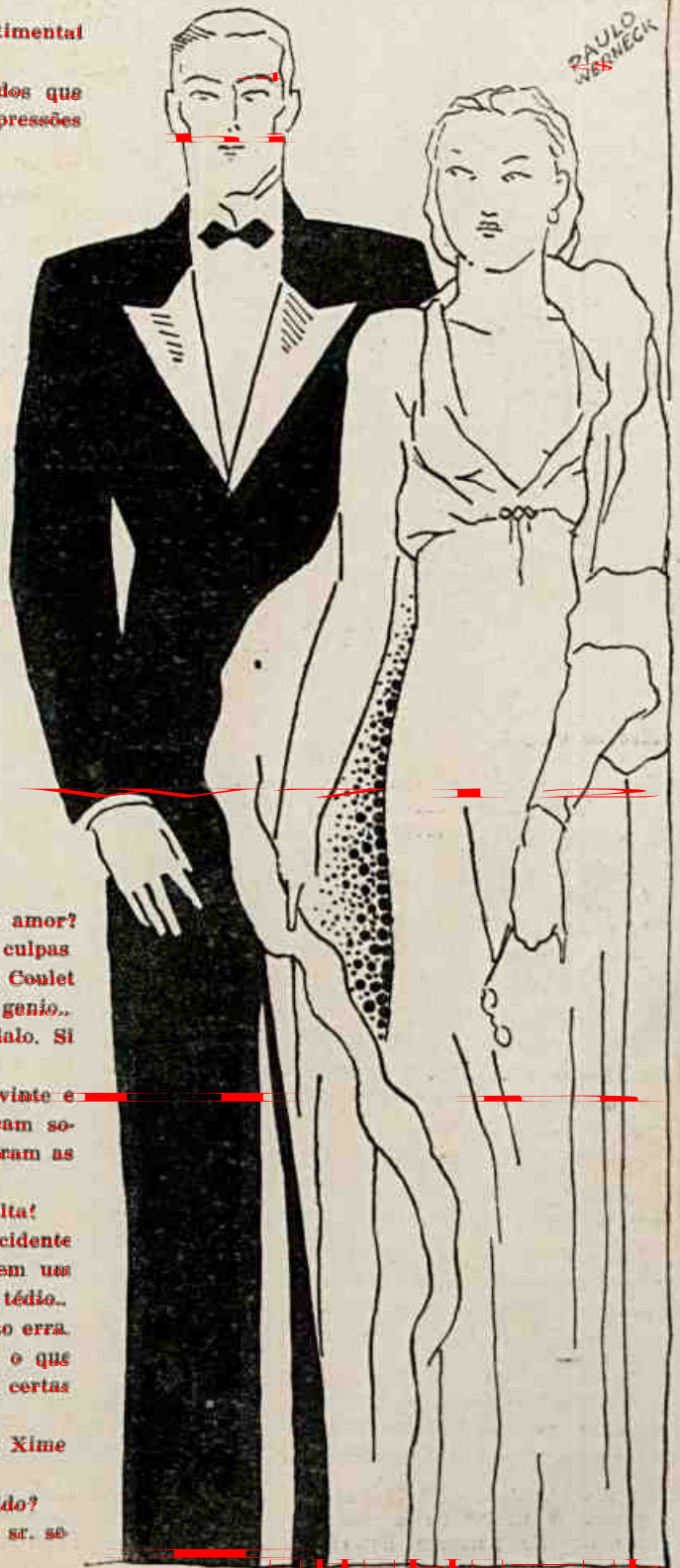
A senhora Prado Flores. — Vem com o marido?

O criado. — Sim, minha senhora; vem com o sr. senador.

Senhora Prado Flores. — Sim, que entre immediatamente para aqui.

Esther Forjaz. — Excellente amiga!

Felix Lante. — Distincta senhora...

O bohemio-philosopho. — E muito bôa... E... muito bem...

TREPAÇÕES

Stella Balthazar da Silveira é uma joven e brilhante jornalista da Bahia, que representa, naquelle Estado, a Associação Brasileira de Imprensa, e que acaba de visitar esta capital, onde foi recebida com as maiores demonstrações de sympathia por parte de seus confrades cariocas.

BASTA, ás vezes, um descuido para que todo o perfume de um vidro se evapore. E' só deixar-se o frasco destampado um instante. Com o amor, acontece a mesma coisa. Um descuido... uma palavra menos amavel... um gesto rude... e eis todo um affecto destruido, desfeito, transformado em ruinas...

"Le vase brisé", de Sully Prudhomme, é bem um symbolo, no caso... Uma fenda no vaso e, alargando-se a falha, nunca mais o vidro se concertaria...

Foi isso, *mutatis, mutandis*, o que occorreu com os dois.

O romance havia começado, magnificamente, sob os melhores auspicios de Cupido.

Telephonemas, palavras doces, a promessa de um encontro, e uma tarde lá estava o intellectual e a formosa artista (sim, a bella dama é morena e interprete de Chopin...) no mais feliz e côr de rosa dos mundos... E' facil imaginar a atmosphera de sonho, de encantamento e delicias em que o lindo romance ia decorrendo...

Mas, fosse por exigencias do moço, ou por caprichos da morena, o facto é que elles não se entenderam mais.

O céo côr de rosa toldou-se de repente. O sonho se esvaneceu, como aquelle perfume do vidro destampado...

— Vamos! A sua ultima palavra? — exigiu elle, num ultimatum que a irritou.

— Já disse! Não me submetto aos seus caprichos!

— E' o rompimento, então?

— Como queira! — declarou ella, peremptoria.

Romperam. Separaram-se.

Tudo parecia irremediavel, quando um acaso (oh, os acasos providenciaes!) os põe, depois, um defronte do outro.

Pazes feitas. Recriminações de parte a parte. Novos idyllios e promessas que se renovam...

Até ahi muito bem. Mas, onde ficarão os "substitutos" do rapaz, que a bella morena arranjou, durante a ausencia delle?...

Custodio Mesquita, que alizou, no Salão de Concertos da Sociedade Propagadora das Bellas Artes, um magnifico recital de arte, regendo a sua orchestra de «Jazz» symphonico, que mereceu os mais vivos applausos da numerosa e distincta assistencia.

O casal elegante vae ter occasião de exhibir-se nestes proximos dias, durante a temporada de comedia franceza.

E' só quando apparece em publico, no Municipal, apparentando grande interesse pela vida do palco. Por que?... Dolorosa interrogação! Pelo que sabemos, elle possúe uma cultura mediocre, e não entende patavina das coisas de theatro.

Ella, então, nem siquer *arranha* o francez, e por isso nada póde perceber do que se passa em scena.

Mas, quando surge uma *troupe* franceza, lá estão os dois muito compenetrados para *gozar* as noitadas do Municipal, e, naturalmente, para depois commentar, nas rodas amigas, o que viram mas não entenderam. E assim vão tapeando a humanidade, illustrando os annaes da nossa grande capital, *pagando para a musica*, como diz o nosso bom povo na sua adoravel gyria...

O nosso collega foi a Roma e não viu o Papa... Fez uma longa viagem por terras desconhecidas suppondo encontrar a creatura intelligente que lhe escreve seguidamente tão interessantes cartas, com a promessa de lindos momentos côr de rosa, e não foi feliz. Voltou desapontado, sem animo até de rever a correspondencia encerrada numa gaveta mysteriosa, onde muita recordação amavel está sepultada. O motivo da decepção do nosso collega é devéras lamentavel quando não póde agora renovar o romance que a sua imaginação creou através de mezes intensamente vividos, lendo e escrevendo cartas avidamente esperadas todos os sabbados, á hora do correio.

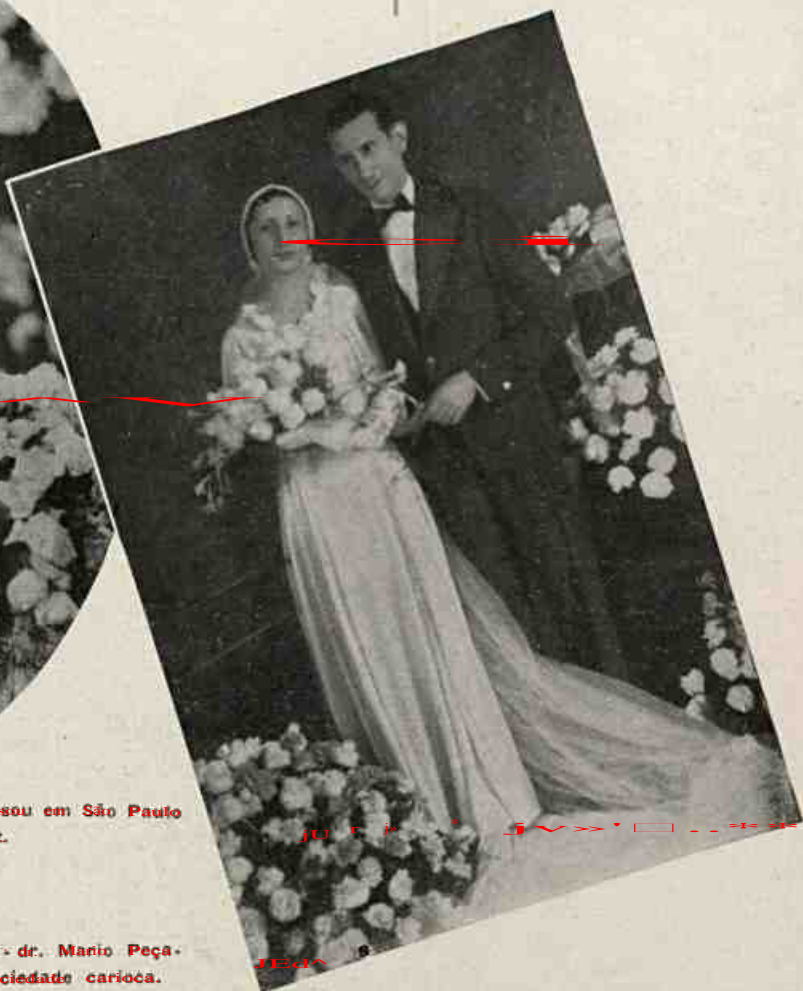
Adeus, illusões!...

A missivista está muito bem acompanhada, lá em terras estranhas, privada de apparecer em publico, pelo menos a jornalistas.

E nem sabemos como ainda arranjar meios e modos para escrever a illustres desconhecidas...

Ida de Alencar é uma das figuras destacadas da Canção Brasileira e tem conquistado os mais expressivos applausos no palco do Recreio.

Senhorita Odila Duarte Silva, que se casou em São Paulo com o sr. Nelson Cruz.

♣ ♣

Enlace Deolinda dos Santos Gonçalves - dr. Mario Peçanha de Carvalho, figuras da alta sociedade carioca.

Os drs. Oswaldo Aranha e Solano Carneiro da Cunha receberam, no Club Militar, expressiva homenagem promovida pelo Exercito e pela Armada, tendo falado em nome dos manifestantes o coronel Joaquim Vieira Ferreira, director-presidente da Assistencia daquella instituição, que na gravura se vê quando occupava a tribuna. Além dos homenageados, sentaram-se á mesa o general Espirito Santo Cardoso, ministro da Guerra, o almirante Protogenes Guimarães, ministro da Marinha, e o general Aranha da Silva, presidente do Club Militar.

Com a presença de altas autoridades militares e civis, realizou-se no ultimo sabbado, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, a solemnidade inaugural da Casa do Sargento, novel instituição de officiaes inferiores das nossas forças armadas, que se destina a amparar os sargentos brasileiros e a proporcionar-lhes diversões e vantagens. A cerimonia da installação da Casa do Sargento foi presidida pelo almirante Protogenes Guimarães, ministro da Marinha, que se sentou á mesa ladeado pelos generaes Espirito Santo Cardoso, ministro da Guerra, e Góes Monteiro.

A professora d. Lucilia Villa Lobos entre os seus alumnos de pedagogia e canto orpheonico que tomaram parte na audição realizada sexta-feira penultima, na séde do Gremio Archangelo Corelli.

Como nos annos anteriores, a passagem do anniversario da Batalha de Tuyuty foi condignamente commemorada, nesta capital. Para isso, as nossas forças de terra e mar realizaram uma brilhante parada, na praça 15 de Novembro, em torno da estatua do general Osorio, desfilando, mais tarde, pelas ruas centraes da cidade. Muitas foram ainda as solennidades levadas a effeito, na grande data, em homenagem áquelle feito heroico das armas brasileiras.

A mesa que presidiu aos trabalhos da solemnidade commemorativa do 25.º anniversario da fundação do Gremio Republicano Portuguez, realizada com a presença de varias figuras de destaque na colonia portugueza.

O dr. João Baptista Pereira, advogado, residente em Baurú, foi um dos candidatos do Partido da Lavoura do Estado de S. Paulo á proxima Constituinte e reuniu grande votação, sobretudo nas zonas Noroeste e Alta Paulista. Orador vibrante, o dr. João Baptista Pereira proferiu, no Congresso do Partido da Lavoura, realizado no dia 22 de abril ultimo, no theatro Municipal da capital paulista, notavel discurso sustentando o programma do partido que o suffragou nas urnas.

RENDAS DE ESPUMA

A PROPHECIA

(Continuação)

"Quem será esse cacete?" — disse de si para si, sem mesmo admittir a possibilidade de que fosse uma voz feminina que o chamasse.

Do outro lado do fio, uma vozinha mansa, de gata, — dessas que arranham e escondem a unha — falou, num miado plangente e cruel:

— E' você, Gil?

— Sim. Que novidade é essa, Nora? Você que nunca me telephona para aqui... Hoje, no emtanto...

Ella atalhou de lá:

— E' simples. Vim dizer-lhe que está tudo acabado, entre nós... Cheguei á conclusão de que não seria possivel um entendimento qualquer, a proposito do nosso caso...

Frio, como si já esperasse por aquelle choque, o escriptor não quiz entrar em detalhes.

Disse, apenas, sem se alterar:

— Muito bem. Adeus.

E, com esse adeus, pôz o phone no gancho, para, em seguida, ir abrir um tratado de chiromancia que se enfileirava na sua estante de sciencias occultas.

E leu, em certa pagina:

— "O planeta Jupiter representa o poder, a potencia, a soberania, a protecção. E' elle o maior estimulador da energia, da ambição, do orgulho e, ao mesmo tempo, da bondade da clemencia, da generosidade. Produz os temperamentos sanguineos, exaltados, apaixonados e fortes. A influencia de Jupiter é particularmente favoravel durante os periodos do anno, entre 20 de fevereiro e 21 de março e 23 de novembro e 22 de dezembro"...

Fechou o livro.

Olhou o calendário.

Era o mez de maio.

E monologou, com visivel ar de tristeza:

— Estava escripto no Astral...

Yves

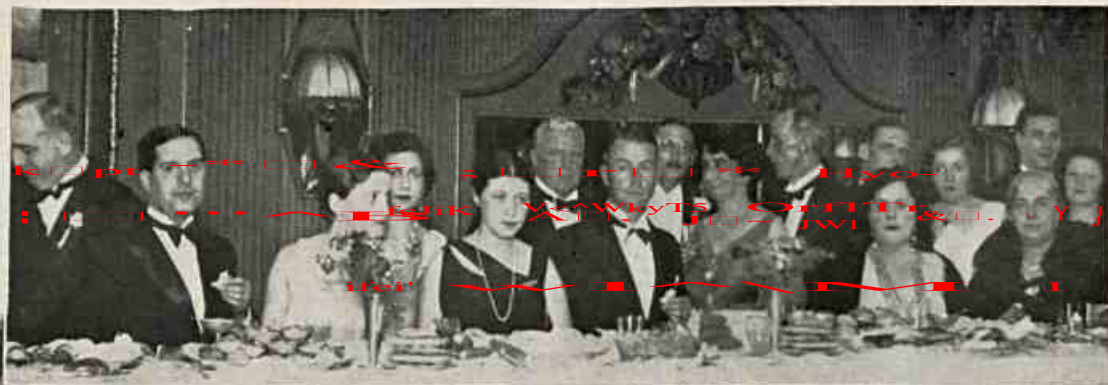
A *DUVIDA*

A Sciencia, creada, ou melhor, descoberta pelo homem, ainda torna a duvida mais duvidosa. E põe-nos estas questões:

A Sciencia caminhará até o Todo? As suas descobertas serão infinitas?

Sempre... a duvida.

ALUIZIO NAPOLEÃO

Em homenagem ao seu presidente de honra, mr. C. A. Bartou, o Tracção F. C. realizou, em sua séde, uma hora regional, que se revestiu do maior brilho O «cliché» apresenta o casal C. A. Bartou cercado pelos directores daquelle gremio sportivo formado por funccionarios da Light.

Em beneficio do Hospital dos Estrangeiros realizou-se no Automovel Club do Brasil, sabbado ultimo, um baile que alcançou grande êxito mundano, e ao qual empres aram seu concurso elementos de destaque na nossa alta sociedade.

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

NELSON DE ARAUJO LIMA apresenta-nos com o seu livro de estréa, «Remigios», um dos melhores desses últimos mezes.

Comquanto o poeta-aviador não seja propriamente um D'Annunzio brasileiro, mostra-se absolutamente épico e lyrico na construcção do verso e na exteriorização da idéa.

O interessante na personalidade de Nelson de Araujo Lima é a intercorrencia de phrases de accentuado mysticismo e mesmo de uma certa propensão para endeusar as lithurgias profanas das macumbas.

Aliás, seria um excellente proposito si o novel vate resolvesse augmentar a série dos sonetos «Noite no morro» e «Macumba», dos melhores do livro.

A descripção de um liga-se a do outro; ha o colorido, o tom local

Nelson de Araujo Lima é o joven e brilhante poeta de «Remigios», que está alcançando grande successo com o seu livro de estréa.

«REMIGIOS», DE NELSON DE ARAÚJO LIMA

exacto e mesmo a «cadência» onomatopaica revive ainda mais o estado psychico angustioso, espectante de quem se assombra ao ruido lúgubre da macumba.

O poeta, que ainda não alcançou o trintenário, julga-se velho e relembra, em estrophes saturadas do lyrismo d'antanho, os bellos tempos de sua mocidade!

Ora, isso é, convenhamos, uma accentuada tara versejatoria do pieguismo de Castro Alves ou Casemiro de Abreu.

Mire-se o poeta na «mysteriosa mocidade de alguns collegas» seus, e, por certo, ha de sentir-se, senão curado definitivamente, pelo menos alliviado de «muitos annos» quando se resolver compôr um outro «Sonhos», que por signal é o bello soneto que fecha o harmonioso «Remigios.»

HERNANI DE IRAJA'

"NAGANA"
UMA MULHER EXOTICA
NUM FILM QUE FARA' EPOCA !
UM FILM QUE É UM ROMANCE DE AMÔR
EM UM SCENARIO IMPRESSIONANTE
TALA BIRELL
- A mulher seducção -
UNIVERSAL PICTURES
Segunda feira no ALHAMBRA

Mme. JULIE, DE PARIS

(Madame Julie)

Film da R K O - Radio

com

LILY DAMITA
LESTER VALL
ANNITA LOUISE

JOHN Whitcomb, um banqueiro de projecção internacional, apaixona-se e casa se com uma linda e perturbadora parisiense, de nome Julie. Sabedor desse matrimonio, que merece da sua parte a mais formal repulsa, um filho do banqueiro, Victor, abandona estudos e quer romper relações com o pae. Doris, também filha de Whitcomb, mostra-se solidaria com o irmão, e recusa-se a acolher a formosa madrasta. A attitude de hostilidade franca, que os filhos do marido assumiam, impoz a Julie a mais triste e desoladora solidão. Ficou privada de qualquer relação e estava, por assim dizer, proscripta do movimento social. Corriam, a proposito do seu casamento, as versões mais deprimentes. Assim é que, segundo opinião quasi unanime, ella se casára, não por impulso affectivo, mas por mero interesse. O banqueiro só a interessara, porque era rico. Ferida rudemente pela maledicencia, ella é levada a uma explosão de pundonor e institue uma casa de modas que dirige com o seu gosto fino e intelligente. Queria, assim, viver do proprio esforço, sem nada dever ao marido e mostrando, desfarte, que não fôra movida por interesses inferiores ao contrahir nupcias. Regressando de Paris, onde fôra effectuar compras importantes, ella conhece um joven bello e arrogante que viaja sob o nome de Paul Niles. Solitaria que estive e alvo que fôra das mais contundentes humilhações, sentia uma necessidade imperiosa de ternura. E, insensivelmente, impellida pela fatalidade da situação e de temperamento ardente, deixou-se arrastar na doçura de um "flirt" inolvidavel. Mais tarde, regressando a casa, encontra-se, pela primeira vez, com o filho do banqueiro; e verifica, então, com indizivel terror, que elle é o proprio Paul Niles com quem viajara e "flirtára". Trazendo um appello desesperado ás suas forças, Julie procura enfrentar a situação; e, no decorrer de uma dança, supplica-lhe que esqueça os idyllios de bordo. Mas o joven, impulsivo e vibrante, estava verdadeiramente apaixonado; e diz que acha o esquecimento impossivel. Horas depois, quando Julie se encaminhava para os seus aposentos, encontra Victor á sua espera. Elle pede, com lagrimas na voz, que acceite o seu amor. Eram jovens, amavam-se e vinha crescer á sua frente, a perspectiva encantada de idyllios, paixão e nupcias. Mas Julie, abafando a voz da carne e do coração que a impulsiona para Victor, mostra que está irremediavelmente contida nos grilhões do dever; e teria que continuar ao lado do marido. O dever era, por certo, triste; e ella mesmo soffria vendo que a sua juventude estava condemnada a estiolar-se numa vida sem belleza e emoção. Cumpria, no emtanto, obedecer ao destino. Os dois discutiam da maneira que descrevemos, quando Doris apparece e vê a scena. Uma profunda contrariedade a invade; e a sua aversão a Julie se accentúa mais e mais. Ella verifica, pelos carimbos impressos nas malas do irmão, que elle viéra no mesmo navio de Julie. Na manhã seguinte, Doris interpella Victor e ameaça de tudo contar ao pae. Logo depois, dirige-se a Julie, accusando-a de infidelidade. Em face da situação penosa creada por Doris, Julie e Victor têm uma entrevista. Elle resolve, então, expôr o caso ao pae. Sae ao encontro de Whitcomb, mas este encontra-se em preoarativos para uma importante viagem a Washington e não póde recebêl-o. Victor informa a Julie de que não se realizára, por infelicidade, o encontro com o pae. E suggere uma fuga para a America do Sul, onde viveriam instantes supremos de amor. Fascinada pela palavra ardente de

(Conclue na pag. 44)

O INFERNO DOS VIVOS

(Laughter in Hell) — Um film da UNIVERSAL

Direcção de Edward L. Cahn — com PAT O' BRIEN, MERNA KENNEDY, GLORIA STUART e ARTHUR VINTO

A inimizade entre Slaney e os irmãos Perkins tinha vindo da mais remota infancia. Os dois garotos ricos não gostavam daquelle menino pobre, intelligente e vivo, que lhes fazia sombra sempre...

Depois, com o correr dos annos, os sentimentos não melhoraram. Slaney não esquecia, por exemplo, que os Perkins o tinham martyrizado, tinham zombado delle, no dia em que lhe morrera a mãe. Depois, para augmentar o rancor, Slaney teve ainda a infelicidade de se casar justamente com a moça que Grower Perkins cobiçava.

Mas essa pequena, Marybelle, era uma doidivana, que se entregára a Grower, pouco tempo depois do casamento. Barney Slaney de nada suspeitou, até o dia em que ouviu de Ed. Perkins, administrador da Penitenciaria do Estado, umas allusões disfarçadas. Nesse dia, o rapaz abandonou o serviço mais cedo e entrou em casa inesperadamente, para surprehender os amantes. Marybelle teve tempo de esconder Grover, mas Barney soube descobril-o e, alli mesmo, na sala, estrangulou o seu velho inimigo e a mulher infiel.

Aconteceu o inevitavel, que era justamente o mais terrivel: Barney foi cumprir pena sob as ordens de Ed. Perkins, que o odiava.

Foram negros aquelles dias. O carrasco não poupava ao prisioneiro vexames e humilhações. Mas aquelle estado de coisas não podia durar.

Então, no dia em que fugiu um prisioneiro e Perkins, responsabilizando os companheiros ao fugitivo, fez açoitar cruelmente uma porção de innocentes, os espiritos se tornaram mais revoltados. Depois, como si não bastasse, o homem ainda mandou enforcar seis negros que outra culpa não tinham sinão ignorar tudo que se relacionava com a fuga do companheiro.

E a revolta começou a lavrar surdamente.

Os sentenciados foram requisitados pelo governo estadual para abrir sepulturas numa cidadezinha onde grassava a epidemia da variola. Elles logo viram nessa opportunidade a offerta providencial da liberdade.

Noite alta, quando as sombras envolviam a povoação castigada pela inclemencia do mal, Barney deu a voz de commando. Ed. Perkins pagou alli mesmo a sua maldade, ficando sepultado na valla que estava aberta para os variolosos. Os prisioneiros, ás pressas, ganharam o campo. Barney foi ter a uma herdade abandonada, onde encontrou uma joven, — Lorraine, a quem a peste roubára todos os parentes. Foi ella quem lhe tratou do ferimento, foi ella quem lhe deu roupas, ella quem lhe matou a fome, ella, emfim, quem o escondeu, dizendo-o seu marido, quando a policia bateu á porta, á procura do criminoso foragido.

No dia seguinte, passando junto aos guardas ferozes, protegido pela pureza de Lorraine, o sentenciado deixava o Estado; a caminho da fronteira, a caminho de uma nova vida que para elle ia começar...

FLAGRANTE DELICTO

(EINBRECHER)

com WILLY FRITSCH LILIAN HARVEY e HEINZ RUHMANN

O fabricante de bonecas, sr. Dumontier, contempla a sua obra prima com orgulho. Suas bonecas são realmente tão encantadoras quanto obedientes — bem mais obedientes que Renée, sua joven esposa, cujos caprichos o pobre homem, por mais que se esforce, não sabe como satisfazer. Elle não é, infelizmente, um heróe e, tampouco, ha nelle algo que se assemelhe ao «toreador» que Vallier, o famoso pintor, soube tão bem collocar em meio á arena de Granada; menos ainda póde ser comparado a um bandido de envergadura romantica. E, no entanto, são esses os trez typos masculinos aos quaes Renée consagra um culto que não a consola — pudera! — do prosaismo de seu marido. Sua raiva acaba explodindo contra «Mademoiselle» Hortensia, a dama de companhia de Dumontier, para se estender, por fim, a este ultimo, que, após muito ter constatado que o seu aspecto sério e compenetrado não se coaduna com a mocidade superabundante de Renée, tudo procura fazer para contental-a. E' dessa situação delicada entre Renée e o marido que

Serigny, joven elegante, mas, nem por isso, heróe, procura tirar o melhor partido. Renée, que lhe percebêra o verdadeiro caracter, não tolera, no emtanto, as suas ousadias. Mas, no decurso de uma refeição, novas divergências surgem entre ella e Dumontier, o que a leva a acceitar um convite de Serigny para um chá nos apartamentos deste. Um novo creado de Dumontier surprehende essa entrevista por intermedio de uns microphones habilmente dispôstos e, do que ouvira, tudo relata a um cúmplice mysterioso. A coisa parece prender-se a determinados valores e a um «Vallier» que se encontram no apartamento de Serigny, apartamento que — seja dito de passagem — não pertence a este ultimo e, sim, a um de seus amigos.

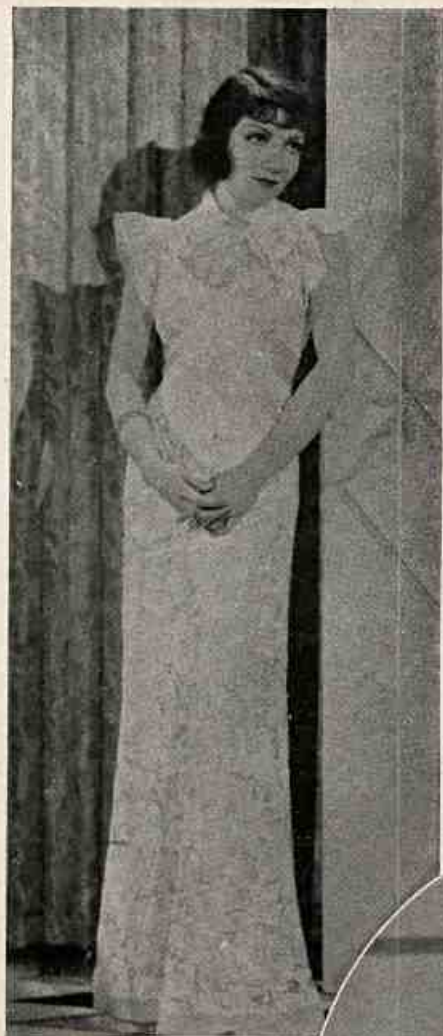
Emquanto isso, Serigny prepara uma recepção digna da dama dos seus pensamentos. Nada falta: o velho Porto, coxins macios, perfumes capitosos e o mestre de cerimonias mettido num suggestivo «pyjama» de seda. Mal os preparativos terminam, a campainha toca. E' Renée que surge pontualmente, mas sem o menor açodamento... fria e abstracta, com uma vaga curiosidade de filha de Eva... Para ella, toda aquella ensceнação tem mais de «vaudeville» que de pastoral. Mas, emfim, é o seu primeiro passo em falso... e o peor é que o provoca justamente um typo ridículo como Serigny. E o D. Juan começa prosaicamente por lhe offerecer um cálice de Porto, preliminar indispensável para attingir á felicidade suprema. O destino, porém, quiz dispôr as coisas por outra fôrma.

(Continua na pag. seguiufe)

As "estrellas" que brilham no ceo da Paramount

Carole Lombard

Claudette Colbert

Sylvia Sidney

FLAGRANTE DELICTO

(Continuação)

Exactamente no momento em que Serigny dá inicio a pequeninas bobagens para conquistar Renée, ouve-se um ruido estranho. A janella abre-se repentinamente e um homem salta para dentro do quarto. Um ladrão, sem duvida! Apavorado, Serigny oc-oulta-se sob as almofadas e as capas da "chaise-longue", mas o revolver do intruso obriga-o a se mostrar novamente. Coisa estranha: este bandido é um typo encantador, e Renée não occulta a si mesma que elle lhe agrada mais que o "cavalheiro" em cuja companhia se encontra. O bandido parece não ligar importancia ás jóias e ao dinheiro de Renée. O que o interessa é o "Vailier" que se encontra no quarto contíguo e do qual elle trata de se apossar com grande alegria de Serigny, que espera por essa fôrma ver-se livre delle, quando de repente alguém bate á porta. A policia! Mas o ladrão intervem de maneira a se desembaraçar dos agentes e a arrebatar Renée dos braços do "amor", dando a entender assim á joven que não lhe ficava bem metter-se numa aventura galante daquelle genero.

Tempos depois, Mr. Hatkins, grande commerciante de bonecas americanas, faz uma visita a Dumontier, que o recebe com todas as honras da sua alta posição. Mas Renée, ao ser apresentada a este hospede illustre, reconhece nelle o "criminoso" que lhe perturbara a entrevista amorosa com Serigny. Hatkins cuida habilmente de afastar por alguns minutos os circumstantes, todos menos o seu cumplice Amadêo — o novo creado de Dumontier. A sós com a joven, por tal fôrma a envolve na sua lábia, que ella consente em se encontrar com elle, naquella tarde ainda, num elegante bar negro á rua Blondet. Tremula de emoção e de um amor que a custo dissimula, ella se encontra com o americano numa loja. Mas, receiosa pelo que possa acontecer ao homem a quem ama, ella não quer que elle permaneça por muito tempo naquelles logares, ao passo que elle, por sua vez, teima em não deixál-a. De um golpe a porta se abre e Dumontier entra. No momento em que elle dirige o cano de um revolver para o bandido, Renée se precipita contra o marido para proteger o seu amado e é assim que Dumontier se apercebe que tem deante delle um homem que melhor convém a Renée que elle proprio.

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

ANSIEDADE

Penso em ti. Ardo em febre. Que ansiedade
esta de vêr-te e ouvir-te, meu amor!
O dia passa com serenidade...
Punge-me tanto esta saudade!
Que saudade de ti, meu doce amor!

Guardo nos olhos inquietos, a lembrança
da volupia de amor do teu olhar.
Meu pensamento é uma creança:
pensando em ti põe-se a saltar.

Vae dos teus olhos para a tua bócca,
do teu cabello para o teu pescoço,
e brinca e salta, qual creança louca,
meu pensamento de poeta e moço.

Tu! Toda tu, espiritual e leve
como uma sombra no meu pensamento.
(Geme a saudade na canção do vento...)
E tu, tão leve, no meu pensamento,
branca de luar, branca de neve!

Conto as horas que faltam para ouvir
desses teus labios de carmim
a eloquencia com que sabes repetir
que me amas, amor, e que gostas de mim.

Como o tempo passeia vagaroso,
neste dia em que canto ao som de um hymno,
o meu desejo de beijar teu corpo delicioso
— a glorificação do meu destino!

Quando a noite chegar e nós dois bem juntinhos,
entre beijos de vida e de deslumbramento,
falarmos deste amor, desta nossa amizade,
havemos de comprehender que são esses instantes
que nos unem num grande pensamento
— o pensamento creador desta immensa saudade!

MARTINS VARELLA

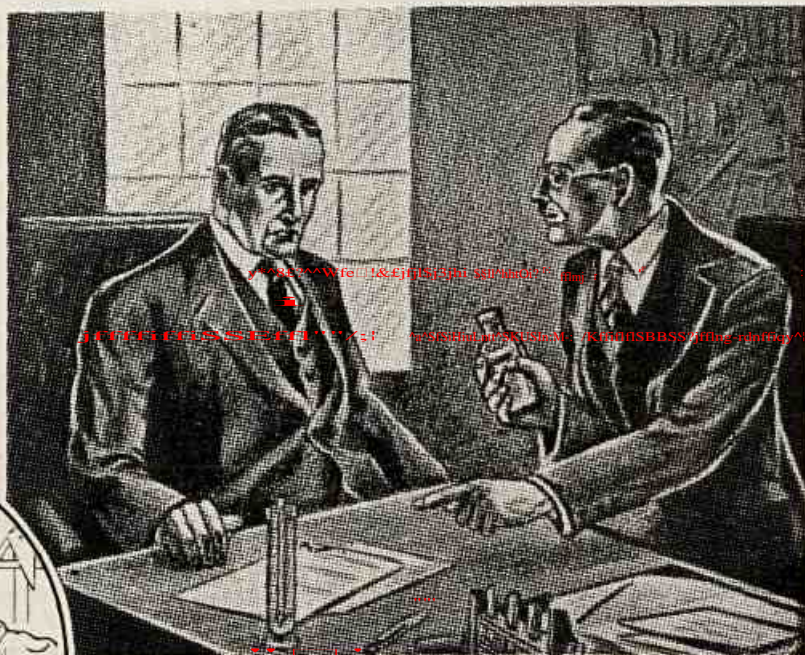
Mme. Julie, de Paris

(Conclusão)

Victor, que a commovia com uma caricia maternal, Julie concorda com a fuga. Elle deve seguir na frente; ella irá logo após. Assim acontece. Mas, quando Julie se prepara para deixar a casa onde amargára tantas humilhações e melancolias, Doris vem ao seu encontro e a insulta. Julie, então, reconsidéra a sua primitiva resolução de abandonar o paiz. E aponta para o annel nupcial, ao mesmo tempo que assevera, com uma voz tecida de amargura:

"Emquanto conservar este annel, serei uma esposa fiel. Mas, quando eu me desfizer delle, deixarei de ouvir todas as vôzes, para só attender á voz do coração".

Nem assim Doris se mostra satisfeita; e escreve um bilhete ao pae, denunciando a tragédia sentimental que tortura Julie e Victor. No dia seguinte, Whitcomb chega de Washington. Procura Julie e diz-lhe que commettêra um grave erro roubando horas do amor em beneficio dos negocios. Mas, dahi por deante, viveria aos pés da esposa como um escravo ditoso. Para iniciar a nova phase da sua vida de casados, fariam uma viagem á Europa. Julie contempla aquella figura de velho, já com a vida aureolada pela neve das idades; compára Whitcomb á figura bella, vibrante de belleza e musculos, quasi olympica de Victor. Uma pena infinita a invade. Contém os soluços que teimam em subir á garganta e deixa-se estreitar pelo marido. Incapaz de um "não", porque a recusa iria matal-o...

As profissões sedentarias conduzem ao arthritismo!

Está provado, tanto pelas observações clinicas como pelos estudos scientificos que, as profissões sedentarias conduzem, fatalmente, ao arthritismo, com o cortejo das doenças: RHEUMATISMO, GOTTA, SCIATICA, LUMBAGO, DORES NAS COSTAS, etc. até chegar á temivel arterio-sclerose, precursora dos ataques de paralysia e congestões, se não se oppõe um remedio ao perigo.

O Urodonal é tolerado pelos estomagos mais debeis e delicados.

URODONAL

Combate o arthritismo
porque
dissolve o acido urico

Notas de Arte

COMPANHIA DRAMATICA BRASILEIRA — JAYME COSTA. — 3ª récita de assignatura, representou a C. D. B. J. C. no T. M., em a noite de 25 de maio, a peça de Henrique Pongetti — *Historia de Carlitos*.

Creados pela imaginação de Autor (Armando Rosas) vivem-lhe nos dramas e romances o ladrão Sebastião (Jayme Costa), o malandro João (Ferreira Maya), o albergueiro Pedro (Aurelio Corrêa), as mulheres de vida duvidosa — *Norma* (Arlette de Souza), *Margot* (Maria Helena) *Sarah* (Nathalia Aragão), a ceguinha *Violeta* (Lygia Sarmento), e, chefe de todos, rei dos vagabundos, *Carlitos*, o symbolo da miséria universal. Apaixonado de Violeta, que o julga bello e joven, e lhe correspondo ao affecto sonhando o dia em que adquira a vista para ser-lhe esposa, Carlitos faz opulencia da sua miseria para conforto de Violeta. Em vez de pão para si, compra flores para ella... Cansada da existencia que leva, a farandula faz greve. Capitaneados por Carlitos, os miseraveis vêm reclamar a Autor lhes mude de vida. Autor os attende e, segundo a vontade de cada um, transforma o ladrão num banqueiro honesto, o malandro num político, o albergueiro em dono de hotel de luxo, as mulheres de vida irregular em donas e donzellas de sociedade, e o paupérrimo Carlitos em millionario. Mas na vida nova não encontram os desgraçados a felicidade sonhada. Ao contrario, habituados á miséria, sentem-se infelizes na opulencia e sob outras fôrmas encontram as mesmas desgraças da vida. O banqueiro abre fallencia por escrupulos de homem honesto. O político reconhece na política os vícios da malandragem. O hoteleiro tem saudades do albergue: os da hospedaria de luxo são escandalos ainda maiores que os do albergue nocturno. As mulheres se vêem rejeitadas dos homens e acham em o novo meio muita coisa do meio antigo. Então fazem nova greve, e dirigidos ainda por Carlitos conseguem de Autor voltar á miséria de antanho. Só a ceguinha não volta, que, a vista adquirindo por suggestão do medico, Dr. César (Mario Sallaberry), conhecendo a realidade, se lhe dissipou a illusão. O noivo ideal que, cega, amara em Carlitos quem o realizava era o formoso mancebo que lhe dera a vista, era César e não Carlitos. Ainda assim, as lembranças da vida de cega, ao lado do antigo noivo, a dominam tanto que ella imagina poder um dia ter vontade de voltar...

Historia de Carlitos, de Henrique Pongetti, é filha legitima do drama de Pirandello — *Seis personagens em procura de autor* e da fita cinematographica de Carlos Chaplin — *Luzes da Cidade*. Do pae herdou a idéa de enscenar personagens em vez de representar pessôas; da mãe — o romance de amor tragicomico entre Carlitos e a cega. Mas, filha emancipada do illustre casal, tem personalidade própria. E' a representação symbolica das miserias da vida através de typos caracteristicos, gravitando em torno do typo máximo, essa figura immortal creada pelo gênio comico de Carlos Chaplin — *Carlitos*.

Mais pensamento do que acção, *Historia de Carlitos* agrada, impressiona, prende a attenção do espectador pela verdade, pela belleza do

(*Continúa na pag. seguinte*)

PAULO SETUBAL
OURO de CUIABÁ
PAULO SETUBAL
OS IRMÃOS LEME
A HISTORIA ATRAVEZ DOS NOSSOS MODERNOS ESCRIPTORES
O Ouro de Cuiabá — é a nova obra historica em que o famoso escritor Paulo Setubal reconstrói, através da intrépida bandeira de Pasqual Moreira, esse romance de aventuras feito de mil acasos, que foi a descoberta das minas de ouro de Cuiabá.
Volume Broch 6$ Enc. 8$
Os Irmãos Leme — romance historico evocador da éra bandeirante, onde o mesmo autor faz desenvolver a vida tumultuada, verdadeiramente empolgante, de dois singulares desbravadores paulistas. Minas de ouro, aventuras, episodios rudes, cênas de opulencia, tudo está nesse livro de história e de verdade.
Volume Broch. 6$ Enc. 8$
Pedro Calmon
O Rei Cavalleiro
Mata Gallego — contos historicos do brilhante escritor Viriato Corrêa, onde, com vivacidade, encanto e verdade, perpassam sob os olhos do leitor alguns dos episodios mais curiosos e dos fatos mais palpitantes do passado brasileiro.
Volume Broch. 5$ Enc. 7$
VIRIATO CORRÊA
Mata Gallego
O Rei Cavalleiro — belo livro de historia e de graça, em que o distinto escritor Pedro Calmon recorta, com a sua pena colorida, sob os aspétos mais interessantes, a silhueta empolgante, tão fascinadora, dêsse nosso irregular e magnifico Pedro I, fundador do IMPERIO BRASILEIRO.
Volume Broch. 5$ Enc. 7$
EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL
COMP. EDITORA NACIONAL
R. DOS GUSMÕES: 26-28-30
S. PAULO

diálogos, tauxiados de conceitos intencionaes em que a eloquencia do verbo supre a deficiencia da acção.

Quanto á interpretação, cabem os primeiros louros a Jayme Costa, que viveu magnificamente a dupla encarnação de refinado gatuno e de honesto banqueiro. Seguem-se-lhe mais ou menos no mesmo plano os que representaram cada um dos outros personagens, destacando-se naturalmente, pela maior responsabilidade dos papeis: Armando Rosas em Autor, Lygia Sarmento em Violeta e Barbosa Júnior em Carlitos.

Representando bem a creação de Carlos Chaplin, Barbosa Júnior não deu comtudo todo o relevo que devia ter dado á grande personalidade. Embora não se pudesse exigir do artista brasileiro a mesma arte excepcional do artista inglez, todavia parece-nos poderia ter vivido com mais communicabilidade a figura do heroe. Talvez falsa, foi comtudo

NOTAS DE ARTE

(*Continuação*)

essa a impressão que deixou em nossa sensibilidade.

Como quer que seja, com esta ou aquella restricção, o certo é que a representação de *Historia de Carlitos* foi mais um bello e justo triumpho da Comedia Brasileira.

ORPHEÃO DE PROFESSORES. — Mais um concerto e mais uma victoria do Orpheão de Professores. Foi o 3º, realizado no T. M., em a noite de 24 de maio, com este programma: I) a — Cláudio Monteverdi (1567-1643) — *Orfeo* (Final da opera); b) — Palestrina (1526-1594) — *Mottetto*; II) J. S. Bach (1685-1764) — *Prelúdio* n. 8 e *Fuga* n. 5; III) Benedetto Marcello (1686-1739) — *Ed il popolo eletto e o cosi sempre abbi di me pietate*; IV) Gluck (1714-1787) — *Iphigénie en Aulide* (Côro mixto — *Ami sensible*); V) Mendelssohn (1809-1847) — *Consolação*; VI) Tebaldini — *Juventude*; VII) João Gomes Júnior — *Na roça*; VIII) Antoliscei — *O Ferreiro*; IX) Barrozo Netto — *Fa-Historia Complicada* e *O Ferreiro*.

Tanto Villa Lobos com a sua notavel regencia, como o immenso côro de damas e cavalheiros, onde concorrem lindas e afinadas vozes, principalmente as que sobresahem no côro feminino — contribuiram simultaneamente para o bello êxito da festa musical.

Simples chronista de impressões, medindo o valor artístico das composições e dos interpretes pelo grão de emoção que nos causam, obedecendo sempre ao aphorismo que nos impuzemos de applaudir o que nos faz sentir para pensar e não pensar para sentir, proclamamos o grande numero da noite o côro mixto de *Iphigenie en Aulide* — *Ami sensible*. Muito justo e ruidosamente bisado, a todos excedeu quer pela própria belleza intrínseca, quer pelo esplendor com que foi cantado. Perfeitamente equilibrada, a massa coral não deixou perceber mais especialmente este ou aquelle timbre: todos concorreram igualmente para a belleza do conjuncto. Ainda assim destacou-se bellissimo agudo, que concentrou todas as attenções no fim do côro: o *dó natural* emittido pela soprano sra. Jucyra de Albuquerque Lima.

Menos bello, ou de belleza differente como composição, mas de esplendor igual como execução, as

signalemos tambem o *Motetto* de Palestrina. Citemos ainda os dois numeros de Benedetto Marcello, e *Paz*, de Barrozo Netto, *Na roça*, de João Gomes — que todos foram outros tantos motivos de admiração e de applauso. Registremos mais ter sido bisado tanto *O Ferreiro* de Antolisei como o de Barrozo Netto.

Não ha duvida de que o Orpheão de Professores, dentro da relatividade com que deve ser julgado, é uma obra prima, e, fóra dessa relatividade, é digno de ser ouvido e merece, sinão excepcionaes, bem justos e fervorosos applausos, pois representa um grande esforço em prol do movimento artistico brasileiro.

BRAILOWSKY — Duas tardes e uma noite de intenso gozo espiritual foram as de 23, 25 e 27 de maio, em que no T. M. o genio pianistico de Alex. Brailowsky extasiou empolgou o auditorio deslumbrado, cantando ao piano estas paginas immortaes, alem de outras muitas tocadas em extra, como a celebre *Campanella*, de Paganini-Liszt: I) Beethoven — 32 Variações em dó menor; Weber — *Movimento Perpetuo*; Chopin — *Sonata* em si bemol menor, op. 35 (a da Marcha Funebre); Rachmaninoff — *Preludio em sol maior*; Mussorgsky — *Baba-Yaga* e *Porta Monumental de Kiew*; Tchaikowsky — *Humoresca*; Liszt — *Valsa de Mephisto*; — II) Bach — *Concerto Italiano*; Debussy — *Suite "Pour le Piano"* (Preludio, Sarabande, Toccata); Schumann — *Carnaval* op. 9; Chopin-Liszt — *Canto Polaco*; Schubert-Liszt — *Rei dos alnos*; Wagner-Liszt — *Côro das Fiandeiras*, da op. "Navio-Fantasma" e *Abertura* da op. "Tannhauser"; — III) Recital Chopin: *Fantasia em fá menor*, op. 49; *Impromptu em lá bemol*; *Mazurka em ré maior*; *Scherzo em dó sustenido*; *Os 24 Preludios*; *Nocturno em ré bemol*; *Estudo em dó sustenido*; *Valsa em lá bemol*; *Andante Spianato e Polonesa*, op. 22.

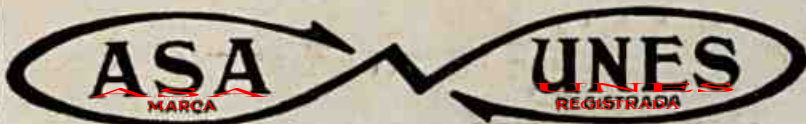
NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

Cada um dos autores interpretou-os o genial pianista com requintada mestria technica e rara perfeição esthetica. E si foi grande na *Suite* de Debussy, nas 32 *Variações* de Beethoven, maior ainda nos appareceu no *Carnaval* de Schumann, na *Fantasia*, nas *Valsas*, *Mazurkas*, *Nocturnos* e *Scherzos* de Chopin, e além de toda medida, de incommensuravel grandeza, na *Abertura* do *Tannhauser*, de Wagner-Liszt, nos 24 *Preludios* e na *Sonata da Marcha Funebre*, de Chopin.

Dotado de incomparavel poder emotivo, fazendo o piano cantar, dedilhando pianissimos que parecem vozes de magicas gargantas, Brailowsky encanta e extasia. Mas não é só. Pelo esplendor da bravura empolga tambem. Se a *Marcha Funebre* e o *Preludio em fá sustenido maior* ou o *Preludio do Zal*, o *Preludio da Saudade*, como se lhe poderia chamar segundo a suggestão de Cortot, foram, entre outras muitas, obras primas de interpretação sentimental, a *Abertura do Tannhauser* e a *Campanella* alçaram-se ao mesmo nivel, como modelos de bravura sem par.

Sempre e cada vez mais empolgado por tanta belleza, o publico não se cansou de applaudir com desusado fervor. Palmas, chamados, bravos — tudo foram explosões ruidosas do mais espontaneo e irresistivel enthusiasmo. Cada concerto foi um hymno de gloria, entoado aos mestres da musica e ao seu excepcional interprete.

OSCAR D'ALVA

SALVE, VIRGEM DE MAIO!

Virgem Santa, Regina Coeli, terna
Musa dos meus agonicos cantares!
Visão consoladora, sempiterna,
Croáda de fulgôres estellares!

Fonte viva da Graça ideal, superna!
Maravilha dos célicos altares,
Mirifico Penhor da Vida eterna:
Dá-me a benção lyrial dos teus olhares!

Tem piedade, ó Santissima Senhora,
Da lágrima afflictissima que chora
Nos olhos deste trópego mendigo!

Tem piedade do eterno isolamento
De um coração que exclama — um lamento:
— Mãe de Misericordia eu te bemdigo!

Wagner de Montalvão

BIDÔR

Em nossos corações, Santa Tristeza,
A padroeira dos desventurados,
Entrou; um dia, assim como quem reza
Em dois templos por Deus abandonados.

E nós vivemos como, por nobreza,
Vivem, noivos, de longe, em seus ducados.
Um romantico duque e uma duqueza
Que sonham com palacios e reinados.

As nossas almas, de azas estellares,
Percorrem mundos de canções e lendas;
Lagos róseos e céus azúes, sonhando...

Mas são, no fundo, como dois altares,
Onde, no fim dos psalmos e offerendas,
Santa Tristeza, a sós, ficou chorando!

Ruy Côrtes

O que se deve saber

A MEDIDA DO TEMPO

A vida do homem é um pequeno transcurso de tempo. Desde os primeiros momentos sentiu-se a necessidade de contar e medir esse tempo. E, desde esses primeiros momentos, se apresentou ao homem a unidade do tempo natural, a unidade luminosa, a unidade mais admiravel: o dia. Os homens sempre contaram por dia. Logo observaram que os dias variavam: ás vezes eram mais curtos (inverno), de outras, mais longos e verificaram tambem que essas variações se succediam periodicamente com uma extraordinaria regularidade e que sempre se relacionavam com a altura do sol ao meio-dia. Tudo estava ligado a essas variações do dia e a essa altura do sol: as folhas das arvores que brotam, as flôres que se abrem, os fructos que amadurecem, os animaes que se reproduzem... Tudo se podruz segundo a altura do sol. Viram mais: viram que a sombra dos objectos, das coisas, ao meio-dia, estava em estreita relação com esses phenomenos e dahi nasceu o primitivo e mais fecundo instrumento: o "gnomon". Consisté em uma barra qualquer que se crava no solo verticalmente. Observa-se medindo, a cada momento, a longitude da sombra, que produz.

No momento da sua menor longitude está o Sol no meridiano. De um dia para outro essa longitude minima varia. Quando se passaram muitos dias e a longitude minima volta a apresentar a mesma longitude, decorreu meio anno, segundo os casos. Não fez falta mais. Tinha-se determinado a longitude do anno e, com o mesmo admiravel instrumento, tinham-se determinado os equinocios, os solsticios, as estações do anno, sua duração relativa e muitas outras coisas.

Nossos primitivos antepassados não tiveram outro instrumento astronomico. Mas o anno representava uma unidade longa. A lua lhes offerecia outro phenomeno interessante, suggestivo: offereceu-lhes a mobilidade de suas phases, desde a lua nova á lua cheia, e desta á outra nova. Era o astro mais surprehendente dos céos. Era o unico que apparecia e desapparecia, que augmentava de luz, chegava a ser circulo esplendente e minguava, depois, até desapparecer; que surgia, ás vezes, na noite, para illuminál-a; e de outras vezes em pleno dia.

E contaram, contaram, até apparecer o mez. De lua nova a lua nova se calculou que passavam 29 dias e outros de trinta. Diversas circumstancias, que não veem ao caso, no momento determinaram os mezes de 30 e 31 dias. Mais, ainda: nossos antepassados observaram no céo varios astros que, differentemente dos demais, grupados em constellações de figuras fixas, invariaveis, deslisavam sobre essas constellações e chamavam-lhes astros "errantes" ou "planetas". Esses astros rebeldes, vagabundos, andejos eram Mercurio, Venus, Jupiter, Saturno, a Lua e o Sol.

Tiradentes

▽ ▽ ▽

Embora humilde pelo nascimento
E profissões, sublime visionario,
Sonhando um grande sonho humanitario,
— Como foi grande teu commettimento!

Desfeito o sonho, o desencantamento
Nunca te fez tremer de teu fadario;
Forte, sereno, firme, extraordinario,
Não vacillaste nem um só momento.

Encerra a tua vida tal belleza,
Que o tempo, que dissipa, que dissuade
A teu nome accrescenta um brilho novo.

Oh! fé! — oh! destemor! — oh! fortaleza!
Morrendo, entraste na immortalidade
Encarnando as virtudes do teu povo!

Sebastião Noronha

UM DRAMA EM MONTE-CARLO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Sou o medico que chamaram, mas não vim por causa de miss Elliot, que nem aqui está, mas por sua causa, Maria Dillon. Se é um pouco esperta, dir-me-á immediatamente o que sabe a respeito do homem que quer leval-a a fazer coisas excessivamente graves.

— Não o comprehendo, sr. Smith, chame-me simplesmente Sherlock Holmes. Sou um policia amador. E agora, minha querida filha, diga-me quem é que está no seu quarto.

— No meu quarto?

— Não minta! Encontra-se ahi um homem. Esse homem entrou com a roupa toda molhada. Bem vê é preciso ser prudente: não devia ter consentido que a abraçasse: tem ainda o avental molhado.

— Oh! meu Deus! que vergonha! choramingou Maria, sempre me julgaram séria. O que irá dizer o gerente, quando souber que está um homem no meu quarto?

— Oh! se apenas se tratasse disso... tornou Sherlock, o gerente não seria tão barbaro que não fechasse os olhos. Mas sabe quem é esse homem?

— Quem elle é?

— Sim, o empregado do telephone?

— Qual empregado?

— O que levantou o tecto da camara telephonica e entrou no quarto de vestir de miss Nancy Elliot.

— Senhor, juro-lhe, não sei...

— Sabe tudo, interrompeu o detective em uma voz cortante. Se continúa a mentir, mando-a algemar e transportar immediatamente para a prisão. Portanto confesse e depressa.

"O que lhe declarou o assassino de lord Woodville? Porque queria elle matar lord Woodville?

Maria poz-se a soluçar afflictamente. O policia que até ali se conservava sentado, ergueu-se e approximou-se della.

— Confesse, desgraçada. E' o unico meio que tem de diminuir o seu crime.

Maria Dillon confessou. Repetiu justamente o que Sherlock tinha narrado ao prefeito da policia.

Miss Elliot tinha-a empregado como correspondente entre ella e o estrangeiro.

Entregara-lhe cartas e algumas pequenas quantias de dinheiro.

O homem agradou-lhe, e como lhe fez propostas para travar relações com ella accedera.

Mais tarde confessou-lhe a sua intenção de a levar com elle. Mas faltava-lhe o dinheiro. Como estava loucamente apaixonada por elle, prestara-se ás suas combinações.

Tinha-lhe dito que erguendo o tecto da camara telephonica pedia entrar no quarto de vestir de miss Elliot.

O homem, que dizia chamar-se Emilio Bertioz, penetrara por ahi no quarto de lord Woodville.

— Mas asseguro-lhe, sr. Holmes terminou ella num gemido, que não sabia que era o seu designio matal-o.

— Nesse ponto, acredito-a, e certamente os juizes tambem a acreditarão. Mas é-lhe nocivo ter querido fazer recahir o crime sobre esse pobre Baptista.

— Foi um momento de loucura; odiava Baptista Heulard que tinha querido zombar de mim...

— Senhor gerente chamou Sherlock, quer ter a

DUAS ALMAS

(Para aquelle que me inspira)

Tudo que é bom e que do amôr dimana
encontrarás em mim, si tu quizeres;
serei: si teu sonhar me não profana,
a mais forte e a mais meiga das mulheres.

Tudo que é bello e que jamais engana
encontrarás em mim; mas não alteres
a aurora do meu Sonho, em mágoa insana,
nem meu sorriso em longos misereres!

Tudo que é bello e bom e verdadeiro,
tudo que a vida pura synthetiza
será o premio de teu captiveiro.

O premio, sim, porque, si me encontraste,
foi mesmo Deus, que ordena e em mim divisa
amar-te muito mais do que sonhaste!...

Violeta Azul

bondade de mandar subir os guardas? Em seguida conduzir-nos-á ao quarto desta menina.

Sherlock subiu com duas praças até ás mansardas do hotel, emquanto outras duas guardavam Maria.

— Eis a porta, murmurou o gerente. Está fechada com certeza.

— Vamos fazel-a abrir, disse o policia em voz baixa. Preparem os seus revólveres, senhores, vamos ter que lidar com um rapaz forte.

O gerente tirou tambem o seu da algibeira e armou-o. Em seguida bateu.

— E's tu Maria? disse uma voz.

— Abre, Emilio, respondeu Sherlock imitando perfeitamente a voz de mulher. Abre, sou eu, meu querido.

Puxaram o ferrolho e a porta abriu-se.

— Se dás um passo, tens dez balas na cabeça, exclamou Sherlock num voz de trovão.

O homem era de elevada estatura. Estava em roupas brancas. O casaco, as calças e o sobretudo, completamente encharcados, seccavam sobre uma cadeira.

— Bem vês que nos não pode escapar. Entrega-te. Prendo-te como assassino de lord Woodville.

O homem rangeu os dentes e lançou olhares furiosos aos policiaes. Mas teve de resignar-se á sua sorte.

Sherlock passou-lhe em volta dos pulsos umas algemas fabricadas com o melhor aço inglez.

— Agora, senhores, disse elle, tenham a bondade de nos deixar a sós por um momento. Temos aqui o assassino, mas não temos o seu... commanditario. Bastar-me-á uma pequena conversa para saber toda a verdade.

O gerente e os guardas retiraram-se.

Sherlock ficou só com o assassino.

....

O rapido da manhã levou Sherlock Holmes e Harry. Tinham tomado logares para Paris.

Antes de partir, Sherlock tinha tido uma entrevista com miss Nancy Elliot. Ella chamou-lhe o seu salvador, o seu anjo da guarda.

O pobre Baptista Heulard foi immediatamente posto em liberdade. Recebeu de Nancy e do gerente do hotel uma bonita somma de dinheiro e voltou ao seu serviço de fronte altiva.

CAPITULO VIII

O ADVOGADO GANACHE

Parou uma carruagem elegante em frente de um predio de aspecto miseravel num dos arredores de Paris.

Apeiou-se um homem de estatura elevada trajando com a maior elegancia. Dir-se-ia um membro da aristocracia, e qualquer observador ter-lhe-ia adivinhado a origem ingleza.

— John, disse elle ao cocheiro, passeia os cavallos mas não nessa travessa, no boulevard.

"Tenho que fazer durante um quarto de hora, e irei lá ter.

O cocheiro cumprimentou e afastou-se; e elegante cavalheiro entrou para o predio. Meneiando a cabeça, examinou uma modesta placa de metal onde se liam estas palavras em letras negras:

"Pedro Ganache — Advogado"

— E' incrivel, disse comsigo o aristocrata. O que me pode querer este homem? O seu bilhete era tão urgente e escripto em termos tão enigmaticos que... afinal, vou saber.

Tocou a campainha e pouco depois, a porta era aberta por um rapaz, o secretario do advogado, certamente.

A sua roupa podia ser mais limpa e apresentava um rosto de quem já teria soffrido fome.

— O sr. Ganache está em casa? perguntou o visitante.

(Continúa na pag. seguinte)

PRECE IDEALISTA

Deus forte, Deus augusto, Deus eterno,
Que suscitas o orvalho, a flôr, o fructo...
Ante a tua grandeza eu me prosterno,
E os teus mysterios, pávido, perscruto...

Pois que tudo, Senhor, te devo, e luto
Pelo Amor, pelo Bem, piedoso e terno,
Mata-me a inquietação, — horrendo inferno —
Abre-me o céu da paz, Deus impolluto!

Desdobra-me o caminho ao vicio estranho;
Da edênea Perfeição mostra-me o norte,
E eu — cego, mas seguro — te acompanho...

Beijo astral, tua graça me conforte;
Tua omnisciencia, a espadanar chimeras,
Vibre em mim a harmonia das espheras!

OTONIEL BELEZA

(Do livro "Aljôfares").

— Está no seu escriptorio.

— Nesse caso, queira entregar-lhe o meu cartão.

— Ah! o baronete Rudyard Biscount. O sr. Ganache espera-o, tenha a bondade de me seguir.

Uma escada velha, muito oscillante, levou-os ao andar superior.

— Entre, senhor, disse ao secretario, abrindo a porta.

Entraram numa sala que devia servir ao mesmo tempo de escriptorio e de quarto de dormir, porque o elegante baronete descobriu por detraz de um velho biombo roto um misero leito.

Junto de uma mesa carcomida pelo tempo estava sentado um homem de rosto comprido, e que parecia dobrado em dois.

Numerosas rugas cobriam-lhe a fronte e as faces, de um bonet que lhe tapava a cabeça sahiam alguns cabellos raros e grisalhos.

Vestia uma sobrecasaca velha e ensebada, e para a poupar usava uma manga postiça, gordurosa e cheia de nodoas de tinta.

— E' ao advogado Ganache que fallo? perguntou o baronnet com um olhar cheio de desprezo.

— Em pessoa, para o servir, retorquiu o homem.

— Escreveu-me uma carta tão extraordinaria que me vi obrgiado a acceitar a sua entrevista.

— Vossa senhoria não quer dar-se ao incommodo de se sentar? perguntou o advogado numa voz penetrante.

— Escreveu-me, continuou o baronnet tirando uma carta da algibeira que precisava falar-me a respeito de um assumpto da mais alta importancia.

"Pretende estar de posse de papeis com os quaes pode causar-me toda a especie de dissabores. E' portanto segundo deprehendo uma patifaria para me extorquir dinheiro.

— Vossa senhoria serve-se de uma expressão muito desagradavel para caracterizar os negocios que juntos vamos tratar tornou o advogdo, mas seja, continuemos a chamar-lhe assim.

— Vamos pois tratar disso depressa. A que papeis se refere?

— A papeis, retrucou o advogado n'uma voz penetrante, fixando no baronnet os seus olhos pardos que causaram a morte do lord Frederic Woodville.

O baronnet Biscount deu um pulo na cadeira e approximou-se da mesa do advogado.

— O que sabe da morte de lord Frederic Woodville? exclamou elle. Que papeis são esses que possam relacionar-se com esse facto? E' falso o que me diz, mente!

— Nega ter conhecido lord Frederic Woodville?

— Porque havia de negal-o? Lord Woodville era um amigo, isto é, foi, já o não era. Ha dois annos cortamos relações por uma insignificancia.

— Por uma insignificancia, repetiu o advogado. "Na verdade! a causa do rompimento não devia ter sido insignificante, porque desde essa época, o senhor baronnet procurou todos os meios de fazer desapparecer o lord!

— Quem ousa affirmar isso? exclamou o baronnet com voz alterada.

— Quem? em primeiro logar os papeis de que sou depositario, depois, alguem que sahiu da cadeia central, a quem ordenou que matasse lord Woodville, e que infelizmente tão bem o conseguiu, e emfim...

O baronnet parecia fulminado. Uma espessa nuvem lhe cobria os olhos.

— Já ouvi bastante, disse numa voz colerico.

"Vejo que estou nas suas mãos. Sei tambem que cartas tem em seu poder, e pelas quaes vae exigir o pagamento de uma grande quantia. São as desgraçadas cartas d minha mulher!

— Adivinhou, senhor bronnet, disse o advogado. São as cartas da senhora sua esposa.

— As que essa miseravel escreveu a lord Woodville. Ah! fiz tudo para rehavel-as. Não quiz restituir-m'as essas cartas que me deshonram ainda, não obstante todo o passado, não obstante o assassinato do lord.

— Assassinato que ordenou, mylord.

— Não me acabrunhe, senhor Ganache, supplicou o baronnet. Podemos chegar a um accôrdo. Vae entregar-me todas essas cartas, minha mulher disse-me que eram dezesete; — dar-lhe-ei mil francos por cada carta!

— E eu só lh'as venderei mediante uma condição tornou Ganache. Mil francos! Podia pedir-lhe mil libras por cada uma com a condição de me dizer com teda a sinceridade porque mandou assassinar lord Woodville.

— Porque? replicou o baronnet. Tinha uma excellente razão: a sua vida pertencia-me, ganhei-a. E esse attentado que ensanguentou o hotel de Paris não foi um crime, mas uma execução.

— A vida de lord Frederic Woodville pertencia-lhe? disse o sr. Ganache depois de uma pequena pausa. Ah! sim, comprehendo: era um duello á americana.

— Sim, um duello á americana.

— Por que surprehendeu lord Woodville com sua mulher?

— Soube isso pelas cartas. Ah! ah! estou tratando de me reconciliar com minha esposa e partir para a Australia.

— Nada mais tenho a informar-me agora, disse o sr. Ganache, a coisa está clara. Um adulterio em casa do baronnet Biscount. Lord Frederic Woodville obteve os favores da esposa do seu melhor amigo. O amigo surprehendeu os culpados — seguiu-se um duello á americana. O que perdesse devia desapparecer num certo periodo, e — quem perdeu foi lord Woodville.

— E' isso mesmo, disse o baronnet numa voz firme e foi demasiado covarde para se matar.

— Tinha uma desculpa, retrucou o advogado Ganache com uma certa tristeza na voz. Sentira o amor verdadeiro, e encontrara-o em miss Nancy Elliot com quem viajava. Foi por causa della que calcou

aos pés a honra, que faltou á palavra que lhe tinha dado.

— E' isso mesmo, senhor Ganache. E agora, perguntou-lhe: não era do meu direito arrancar-lhe a vida que elle perdera, e que não tinha coragem para supprimir por suas mãos? Entre nós foi decidido, antes da partida de jogo que nos serviu de duello á americana que, no caso em que aquelle que perdesse não tivesse desapparecido no prazo marcado, o outro teria o direito de o apunhalar em plena rua, ou de causar a morte de um modo qualquer!

— E foi o que o sr. baronnet fez tornou Ganache com um sorriso nos labios.

"Primeiro nas Indias, depois em Regent-Street em Londres, em seguida num compartimento do rapido de Paris, por fim, no incendio que se manifestou em Woodville-House — e depois de malogradas todas essas tentativas no hatel de Paris em Monte-Carlo. Foi assim, baronnet?

— Para que hei de eu negal-o? Foi assim mesmo. E, senhor Ganache, essa revelação não me surprehende absolutamente nada!

"Ainda que saiba tudo isso não tem interesse em trahir-me. Vae vender-me as cartas. Faz um bello negocio; dê-me immediatamente; trago dinheiro commigo. Entregar-lhe-hei 17.000 francos e amanhã estarei a caminho de Sydney!

Neste momento o advogado tirou o bonnet e lançou para o chão o craneo desguarnecido, que era uma cabelleira. Ergueu-se bruscamente e mostrou a sua elevada estatura. O baronnet tinha na sua frente um homem alto e magro, de rosto severo, olhos penetrantes e enigmaticos. Ficou estupefacto.

— Um disfarce! exclamou o inglez procurando approximar-se da porta. Trahiram-me.

— Não se dê ao incommodo de tentar abrir, disse o homem magro numa voz calma. A porta está fechada por fóra e só se abrirá para si se eu quizer! Sou Sherlock Holmes, o policia, e depressa saberá o que lhe resta fazer!

"O misero instrumento do seu crime está ha dois dias entregue á justiça de Monte-Carlo. Fui bastante feliz para descobrir toda a machinação do seu crime.

"Nada receie, desgraçado! A minha intenção não é mandal-o para a prisão. Vae saber o que tem a fazer.

O baronet conservava-se de pé como que petrificado! Parecia não ter uma gotta de sangue nas veias.

— Está então tudo descoberto? disse elle.

— Tudo. Faltava-me esclarecer um ponto da sua machinação. Acabo de o fazer. E esse duello á americana. E agora escute-me, baronnet, e grave as minhas palavrs no seu coração.

São — e Sherlock Holmes consultou o relogio — exactamente onze horas e vinte minutos da manhã. A policia de Paris, prevenida pela de Monte-Carlo, prendel-o-á daqui a duas horas.

"Tem justamente duas horas e quarenta minutos para preparar a sua viagem.

— A minha viagem para a Australia- murmurou o baronnet. Quer deixar-me fugir?

— Quem lhe fala na Australia? Eu disse "A sua viagem. Não lhe occultarei que todos os seus actos e gestos estão sendo vigiados pela policia. Baronnet, tenho a honra de lhe apresentar os meus respeitos. Separo-me de si com a convicção de que o pobre Woodville, que expiou tão duramente a sua falta, será bem depressa... vingado!

O baronnet inclinou-se e dirigiu-se para a porta. Sherlock Holmes levou o apito aos labios — a porta abriu-se como por encanto.

Pouco depois ouvia-se fechar o portão da entrada.

O secretario do advogado, que naturalmente era o nosso amigo Harry, entrou no quarto do falso advogado.

— Já viste alguma vez um candidato á morte, Harry? perguntou Sherlock Holmes. Pois olha para o homem que acaba de sahir desta casa, o baronnet Biscount; faz-me o effeito de alguem que só tem uma hora de vida.

"Ah! o que somos nós? Aqui estão dois amigos. São inseparaveis como dois dedos da mesma mão. Um bello dia, está em jogo o seu interesse. Nesse dia a amizade desapparece, e o mundo não é bastante vasto para conter o seu odio.

"Harry, vamos partir ainda hoje para Londres: cumprimos o nosso dever.

.. ..

O baronnet alcançou o seu coupé no boulevard. Deu ordem ao cocheiro para seguir para casa.

E quando este abriu a portinhola em frente do portão da casa, onde o baronnet residia com sua mulher, foi o cavader do amo que se lhe deparou á vista.

O baronnet matar-se no seu coupé durante o trajecto. Ninguem poude comprehender porque se suicidara um homem rico, elegante e tão feliz na apparencia! E ninguem siquer desconfiou que fôra devido ao drama de Monte-Carlo.

FIM

No proximo numero, do mesmo autor:

Os crimes de uma religiosa

TRANFORMAÇÃO

(Ao Elcias Lopes que tem talento, cultura e bondade)

(Continuação do numero anterior)

O matuto, aos poucos, destruia-se, methamorphoseando-se nos civilizados que habitam um espaço, ainda, primitivo.

E, nessa ultra e prodiga convivencia, o corpo de Galvão moldára-se por um alfaiate para que dissimulasse o seu hereditario desengonçar.

E numa elegancia, até então, incommoda, viajou a pé, de bonde e automovel.

Altas horas, entrava com faceis amigos em baratos ou caros harens, onde messalinas, numa desacanhada folia os provocavam a beber, a gastar e a amar.

A's caricias, a dinheiro, davam-lhe contentamento e gozo para aquellas cheias noitadas.

E, com esses alegres e novos estimulos, a sua mentalidade passava de uma emperrada solidez a uma subtil fluidificação.

Agora, o meio social, tambem, o agitava.

Os sentidos vibravam numa luta como si cada um disputasse o maximo prazer.

O apressado vae-vem dos transeuntes na ansia da riqueza; os botequins tornando-se em alegre residencia pelo attractivo dos chopps espumantes e da efervescente *champagne*, impressionaram-no e seduziram-no, levando, seu organismo a sentir na bebida um novo paladar.

E ao redor do alcool, como do antigo fogo sagrado, faziam-se todas as intimidades e traçavam-se todas as aventuras.

Numa mesa, sob desabado panamá e meia embriaguez, dizia um velhóte a um moço que liquidára duzentos contos e iria duplicál-os com os *brabos* que acabára de arranjar.

E do bolso tirando cedulas enroladas e de varias côres, pagou, desprendidamente, a despeza, qual se fossem ellas sobejos da sua rapida fartura.

Antonio Galvão, por onde passava, ouvia o resoar de centenas de contos e a verdade confirmava-se pelo esbanjar do dinheiro.

Esse outro *habitat* plasmava lhe melhor a physionomia e os géstos.

O sertanejo sumia-se igual a uma vaga silhuêta que pairasse ao longe.

E não mais voltaria seringueiro golpeador de paus e trilhador de estradas sombrias e recurvas. Porém, *avido* e senhor.

Conseguiu a variada provisão, tão necessaria a tentar aleatorias pesquizas.

Um primo, tangido pela sêcca, levou-o ao seu fornecedor, abonando-o com os seringaes no alto Acre. Nesta recommendação estava a maior carta de credito.

Ligára-se a um socio e partiram a descobrir extensões virgens e madeiras virgens.

E Galvão lá se foi, deixando Manáos, como a patria que o chamava, sempre, pela nostalgia da liberdade e do jubilo.

Emfim, a braveza e a civilização uniram-se para transformál-o.

* * *

Com energia e ambição dirigiu a momentanea empresa, trazendo no bojo do *gaiola* rolos de borracha que, seriamente classificados, dariam cincoenta contos.

Retrocedendo por entre a selvageria daquelle mattagal e, numa mesclada familiaridade alcançou a bordo, Antonio Galvão, pelos modos calmos, e pela actual fortuna, interesseira consideração.

E nos regosijos e gastos elle não se acachou, pondo na mesa de jogo e na das refeições, que servia de bar, fragmentos dos seus transportaveis haveres.

Ao desembarcar, invadiu o melhor aposento, depois o moderno armarinho e mais tarde a pensão mais chic.

Logo, adquiriu abundante vestuario e abundantes amigos, que o enalteciam, offerecendo negocios tão vultuosos, que os contos de fadas se tornaram embryões perante esses sonhos imaginados.

E Galvão, limpo, grave e de carteira cheia, via surgir, de quando em quando, novos admiradores; sempre se ladeava com maiorae[s] das classes que o seguiam ás fartas bchemias, onde a sua palavra proferia uma sentença ou uma gargalhada.

Procuravam-no com avidez e confiança, um inexperiente causidico e um aventurado commerciante, a quem garantira os thesouros do Eldorado.

Tinham-no como um Deus alchimista que poderia transfigurar a pobreza em monumentos de abundancia.

Galvão, todo de branco, arma-

Poema para

MAIO passou...

Surgiu differente, este anno, trazendo no beijo luminoso das suas manhãs de sol um pouco de desespero e uma lagrima de saudade...

Você, meu amôr, tinha quinze annos, quando elle passou por nós, em 1930, promettendo voltar para unir eternamente os nossos corações! Ficámos a esperar a sua volta... Esperámos longamente, esperançosamente, que maio surgisse piedóso para aplacar a nossa ansiedade...

E voltou. Voltou depois do nosso rompimento. Maio voltou para relembrar os dias de sol, os instantes felizes em que eu tinha no coração a certeza do seu affeécto impetuoso...

Surgiu, novamente, para embriagar-se com o perfume das flôres que sorriem como bôccas vermelhas no jardim solitário, onde, eu e você nas noites de lua, iamos cantar a felicidade, a grande felicidade do nosso grande amôr.

Maio surgiu, novamente, para bailar na minha saudade um tango doloroso de sonhos des-

dura distinctiva do bem estar economico, penetrava no escriptorio, pedindo informações para os imaginarios emprehendimentos.

— Mostre-me, sr. Milton Braga, catalogos de trilhos e locomotivas. Que eu desejo traçar a estrada de ferro de Tapajóz ao alto Matto Grosso.

O sr. Milton, magro e um continuo conversador, abria os livros que desenhavam as rugidoras machinas e que mais tarde resolveriam todo aquelle territorio e, talvez o vacuo porque o theorico emprezario desconhecia a localização das camadas geologicas que imaginou cortar por trepidantes vias ferreas.

Lapis á mão, elle sommava as longas metragens dos trilhos que, serpenteando, abraçariam aquelles tractos que sonham o progresso equidistante ao seu florescimento.

O negociante não repousava, indo ás madrugadas, arrancando as sobras dos cabellos que, ainda, lhe cobriam o craneo, tirando os pedidos de milhares de contos que lhe dariam 3 % de commissão e uma frouxa aposentadoria.

O bacharel girava em esperanças, como satellite ao redor das imaginações em que delirava Galvão.

— Pago-lhe, dr. Gustavo Pinto, dois contos de reis de honorarios, como advogado das minhas emprezas.

E, ouvindo a palavra arrastada que, sempre, reflecte as ricaças situações, o causidico pensava no seu futuro conforto. Um bugalow, fôfas poltronas, criadagem a tympano, automovel, mobilavam-lhe a vaidade de desconfortado nordestino, formado com sacrificio paterno e remettido á Amazonia, tendo uma passagem e um conto de reis, na certeza de um independente regresso...

O sr. Milton, em agitações da carteira, ás estantes, aguardava o pedido e metade da importancia em deposito e garantia, no London Bank, como instruira o seu committentes. Mas, em frente a essa quantia, as loucuras recuavam.

Galvão atacava com os seus planos os argentarios que, logo, o repelliam, porque idéa nunca fôra onus real. A negativa, porém, dava-lhe maior energia.

Além das forças naturaes e sociaes, agora, o determinava a cobiça que o enviaria a um manicomio ou aos pantanos orchestrados pelos zumbidos das carapanãs.

Ao augmentar da mania, vinha o diminuir das suas posses.

A borracha, na alta velóz, traria tambem, a baixa velóz.

O *crack* apresentava-se qual um terremoto que a todos destruira.

E a Antonio Galvão mostrára, o dono do hotel, a conta e a porta da rua.

Despejado, mudou-se para um bairro longinquo, fazendo *menage* com uma resignada cabocla.

O serzir da roupa substituira uma malha nova.

Abandonado pelo dinheiro, ficaram-lhe idéas tão grandiosas como as caudaes por onde viajou e viveu, impressionantes ás veneradas e immensas cathedraes que enchem de tanta fé seus peregrinos que os arrastam além tumulo.

* * *

De estomago vazio e cerebro a brotar, ardentemente, illusões, foi-se para um castanhal distante.

E a mestiça, que, pelo caracter nunca lhe resistira, acompanhou-o, na molleza duma indifferença, nas suas ultimas audacias.

O seu refugio, sentira-o o sr. Milton porque, na suggestionada crendice, confiára na realidade de uma visão.

— Creio, dr. Gustavo Pinto, no Galvão. E' um homem. A segurança no conversar demonstra um vencedor.

— Trata-se de um louco, sr. Milton, felizmente, calmo.

— Dr., elle vencerá.

* * *

Em tapery, á margem de um igarapé, affluente do rio Madeira, abrigava, numa desprezada melancolia, Antonio Galvão e a simples amiga que, num contraste, não tinha, siquer, a vaidade do sexo, sinão a de dormir, comer e amar, e esta pela crepitação solar que a fazia vibrar no manto florestal de uma magnificencia virgem.

Trabalhava, quando a malaria o fez tremer.

E numa maqueira, a concubina ao lado, de resignação inconsciente, elle via, de olhos brancos, pelle embaciada, corpo frio e rosto quente, uma fórte e recta castanheira — *bertolia excelsa* — que dizia do seu alto sonho, entre as grandezas do novo paraiso, a maior e a mais bella.

Quando elle, ao revirar dos olhos para morrer, ouviu a amante, que collcára na sua mão esqueletica a vella, companhia unica da morte naquelles confins, a quéda de um ouriço — symbolo de uma vida, num meio, enganadoramente, diverso. — Gentil Pinheiro.

O meu amor

feitos... de rompimento... de lagrima... de separação...

O scenario da natureza é o mesmo: a floresta, lá longe, veste o verde da nóssa esperança desfeita; o mar refléte, na quietude das aguas mansas, a tranquillidade do céo; e o vento tem a mesma caricia branda da ultima tarde que passámos juntos.

E entre nós, tudo tão differente... Você longe dos meus olhos, e eu, talvez, bem distante do seu coração...

Eu, aqui, no silencio da alcova, cantando a saudade de você, e você lá longe sorrindo aos outros com a alegria e com a mesma esperança com que me sorria, buscando no amôr de outro o esquecimento para o amôr que a nossa separação mutilou para sempre...

Guarde, agora, amôr, este poema. E' seu. Escrevi-o para você. Será a unica lembrança do affécto que a distancia matou impiedosamente.

E' o seu poema de maio; o meu poema de lagrimas e de saudade.

Edwaldo Calmon

O FIAPO

De WHIP

DECLARO aos senhores que não sou maniaco, mas ha algumas coisas que me causam um santo horror.

Por exemplo, na rua, eu não poria os pés, nem á força, em certos logares que me apavoraram, e nunca desço com o pé esquerdo á rua. Si isso me acontece, por distracção, torno a subir e desço com o pé direito.

Isso não são manias; são apenas costumes.

Ha, sobretudo, uma coisa que não posso ver sem soffrer: é um fiapo de outra côr, bem entendido, porque si fosse da mesma côr do vestido eu não o veria.

Si o fiapo está em minha roupa, eu o tiro, faço com elle uma bolinha entre o polegar e o indice e, bing!, o envio para o desconhecido.

Mas, si está noutra pessôa, soffro um verdadeiro tormento.

Primeiro, procuro averiguar, pela cara da dita pessôa si tem bom genio. Si meu juizo é favoravel, me aproximo e, tirando o chapéo, digo:

— Senhora (ou senhor), tenho a honra de avisar-lhe que tem na manga (ou nas costas, ou no hombro) um fiapo que causa pessima impressão.

Geralmente, a pessôa interpelada tira immediatamente o fiapo e me gratifica com um sorriso de agradecimento.

Um dia, no emtanto, uma senhora me respondeu de muito máo modo:

— Um fiapo?... Metta-se com sua vida, atrevido!... Que tem você com isso?

Como isso se passava em um bonde, os passageiros se voltaram, eu fui alvo de todos os olhares... e tive que descer do vehiculo.

Mas, esse incidente excepcional não modificou em nada minha aversão pelos fiapos.

O outro dia, almoçava eu no restaurante da estação Retiro. A meu lado, um senhor modestamente vestido de cinzento tinha, na manga do paletot, um fiapo branco.

— Chamo-lhe a attenção, ou não? — perguntei a mim mesmo. — Não; será melhor que não lhe fale. Tem um ar de preoccupação, e seria capaz de mandar-me para o diabo... No emtanto, é necessario que esse fio desappareça, para que eu possa almoçar tranquillo.

E resolvi tirar o fiapo com a maior dissimulação possivel.

Como o cavalheiro estava um pouco longe, insensivelmente, por pequenas contracções de meus músculos, me acerquei delle, esperei que voltasse a cabeça e, então, com gesto rápido e certo, tirei o fiapo.

Como de costume, fiz com elle uma bolinha e... bing!

Já tranquillo, suspirei, alliviado, e ataquei heroicamente o peixe frito.

Momentos depois, olhei por acaso a manga de meu vizinho...

Oh, assombro!... O fiapo tinha voltado. Estava no mesmo logar de antes!

E, no emtanto, a menos que eu estivesse ébrio, louco ou sonhando, me lembrava perfeitamente ter tirado o fiapo, feito com elle uma bolinha e... bing!

Como sou bastante razoavel, não achei que aquillo fosse algo sobrenatural. Sem duvida, ao limpar-se com o guardanapo, outro fiapo havia cahido alli.

Como não podia terminar com gosto o peixe frito, renovei a manobra, tirei com toda a precaução o segundo fiapo e, depois, dissimuladamente, olhei meu vizinho.

Meu espanto chegou ao cumulo!... O homem tirou do bolso um fiapo e o pôz no logar do outro.

— Algum maniaco!... — pensei. — Divirti-me: não poderei almoçar tranquillamente.

Nesse momento, um viajante entrou no restaurante. Olhou fixamente todo mundo e depois se aproximou de meu vizinho, dizendo:

— Bravos!... Você é meu sobrinho, não é verdade?... Reconheço-o pelo fiapo que lhe disse puzesse na manga.

Pela conversação que estabeleceram os dois, vi que se tratava de seu tio, espantosamente rico, e que vinha buscar seu unico sobrinho e herdeiro, a quem nunca vira. E, para reconhecel-o no restaurante, onde haviam marcado encontro, lhe escrevêra recommendando que puzesse um fiapo branco na manga.

E eu quasi punha a perder o encontro e deixava o sobrinho sem o dinheiro do tio!

Emocionado até o mais profundo de minha alma pelas terriveis consequencias que podia ter occasionado o innocente costume de tirar fiapos, não pude terminar o almoço e quasi com lagrimas nos olhos sahi do restaurante, jurando não mais tirar um fiapo em minha vida...

E, prevenido para o caso de outro tio millionario que procure seu sobrinho e queira reconhecel-o por esse meio simples, levo o bolso cheio de fiapos e vou collocando-os em todas as pessôas que encontro...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) ... 48$000
Semestre (26 ») ... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ... 70$000
Semestre (26 ») ... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ... 78$000
Semestre (26 ») ... 40$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) ... 115$000
Semestre (26 ») ... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thebsthoclino:

Gustavo Barroso — Gyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

82, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 21, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

A Voz da Experiencia

Viví muito, meus amigos, muito. Tive alegrias, mas tambem tive dôres. Para conseguir alegrias não ha remedio indicado, mas para aliviar ou extinguir as dôres, o remedio infalivel: é CAFIASPIRINA.

Quem assim vos fala é um velho que muito viveu. Vi muita gente com dôres de cabeça, de dentes e de ouvidos, ou com enxaquecas, nevralgias, reumatismo, transtornos femininos, e malestar geral, curarem-se rapidamente só com a

Cafiaspirina

o remedio de confiança

SE É BAYER É BOM